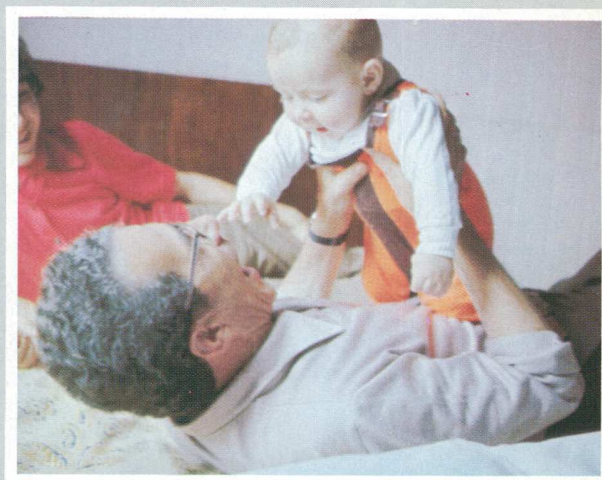


# amm

AVE MARIA — REVISTA MENSAL — ANO LXXXVII — Nº 8  
AGOSTO 1985 — Cr\$ 2.400

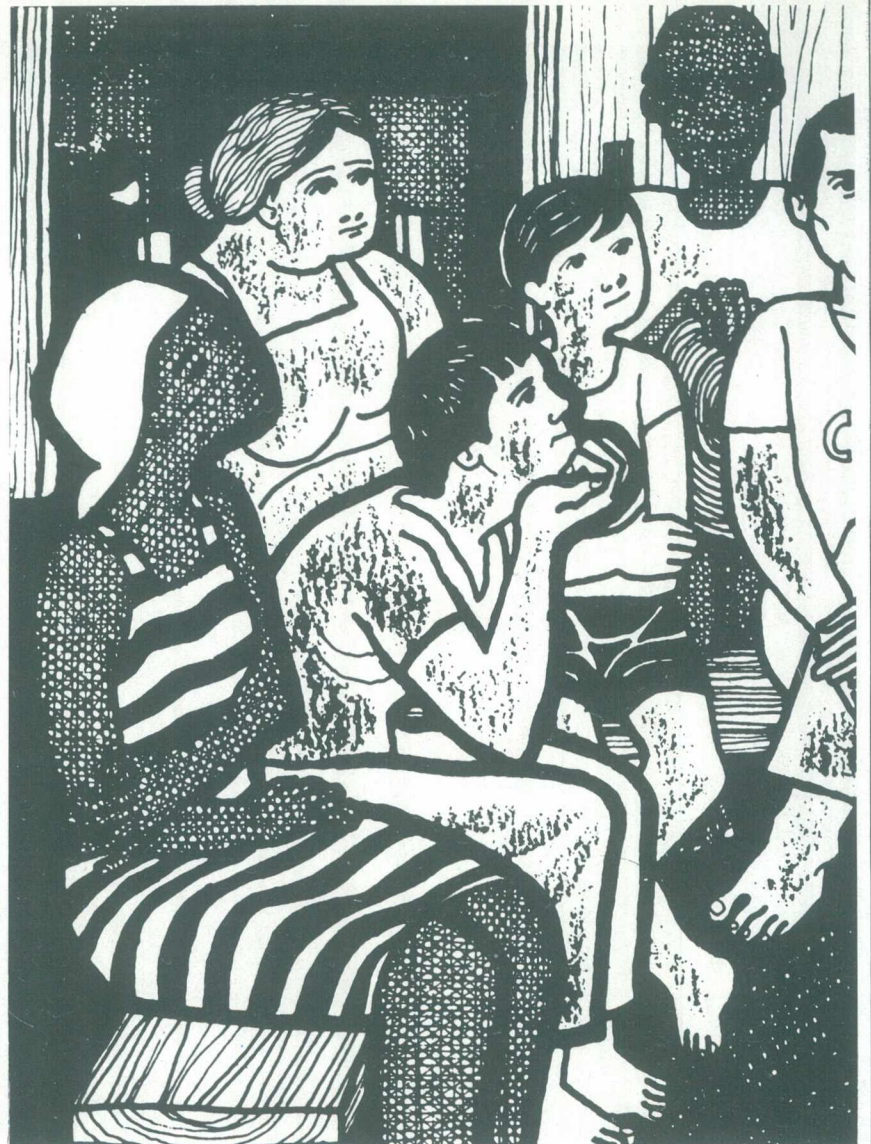
**A VOCÊ PAPAI**  
**PAIS QUE EDUQUEM**  
**REFORMA AGRÁRIA -**  
**EXIGÊNCIA CRISTÃ**  
**A URGÊNCIA**  
**DA REFORMA AGRÁRIA**  
**SER LEIGO:**  
**VOCAÇÃO E MISSÃO**





## Direitos humanos

20



*A Declaração Universal dos Direitos Humanos, juntamente com alguns textos bíblicos e pronunciamentos oficiais de Igrejas cristãs, aqui apresentados, servem de subsídio para os que desejam conhecer melhor, estudar e discutir os Direitos Humanos.*

**ARTIGO XX. Todo homem tem direito à liberdade de reunião e associação pacíficas. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.**

*Todas as nações se congreguem, e os povos de reúnam (Is 43,9).*

Formas de associação dentro da sociedade, com seus próprios fundamentos e princípios, demandam proteção e não controle estatal em sua vida interna.

Igrejas, famílias e universidades são exemplos diversos deste tipo não-político de associação (*Declaração da II Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, Evanston, 1954*).

Estimular a participação consciente e responsável no processo político, social, cultural e econômico é um dever primordial do Estado. Tal participação constitui um dos elementos essenciais do bem comum e uma das formas fundamentais da aspiração nacional. A educação do povo é um pressuposto necessá-

rio para sua participação ativa e consciente na ordem política. Por sua missão divina, cabe à Igreja o direito e o dever de colaborar nesta tarefa. A participação supõe e exige o direito de se reunir e de constituir associações, bem como o "de conferir a essas associações a forma que a seus membros parecer mais idônea à finalidade almejada" (*Paxem in Terris*), contanto que não atentem contra o bem comum (CNBB, *Exigências Cristãs de uma Ordem Política*, 1977).

*Sl 42,4 (41,5); Jt 2,16; Hb 10,25.*

### PARA REFLETIR E DISCUTIR NOS GRUPOS:

- 1 — Concretamente, como o Estado está cumprindo o seu dever de "estimular a participação consciente e responsável no processo político, social, cultural e econômico" do nosso povo?
- 2 — O que ainda poderia ser feito?



## SUMÁRIO

- 4 • **A IGREJA NO MUNDO**  
*Fatos e acontecimentos na vida da Igreja.*
- 6 • **CONSULTÓRIO POPULAR**  
*Questões de fé e de religião.*
- 7 • **AME-SE**  
*Só vale a pena o que nasce do amor.*
- 8 • **XI CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL**  
*Mensagem do papa João Paulo II.*
- 9 • **CARTA AOS MEUS PAIS DE VERDADE**  
*Só o amor transforma.*
- 10 • **A VOCÊ, PAPAI**  
*Homenagem aos pais.*
- 11 • **PAIS QUE EDUCUEM**  
*É através do diálogo que se educa.*
- 12 • **O DRAMA DE UMA ÓRFÃ DE PAI VIVO...**  
*Só falta ele mesmo; temos tudo.*
- 13 • **REFORMA AGRÁRIA — EXIGÊNCIA CRISTÃ**  
*O drama de milhões de famílias exige urgência da reforma agrária.*
- 17 • **A URGÊNCIA DA REFORMA AGRÁRIA**  
*Para a construção de uma sociedade justa e fraterna.*
- 19 • **SER LEIGO: VOCAÇÃO E MISSÃO**  
*Fé é confissão, proclamação pública, diante dos homens, da verdade de Deus.*
- 24 • **O QUE DEVO FAZER PARA SER PADRE?**  
*Ser padre é dom de Deus.*
- 26 • **ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA**  
*Com esta festa a certeza de que também nós partilharemos da felicidade eterna.*
- 27 • **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**  
*Folclore: cultura do povo.*
- 28 • **PROGRAMA DE DOMINGO**  
*Todo programa tem sua ideologia.*
- 31 • **UM NOVO PROGRAMA PARA ORIENTAR FAMILIARES DE ALCOÓLATRAS**  
*Voltar ao equilíbrio emocional e levar o alcoólatra a aceitar tratamento.*
- 33 • **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**

FOTO DA CAPA:  
Richard Todd, cmf

## EDITORIAL

# Peregrinos na terra de Deus

**A** Campanha da Fraternidade deste ano — “Pão para quem tem fome” — desenvolveu e esclareceu, com mais intensidade no tempo da quaresma, a amplitude deste lema. O “Pão”, além de ser a “coisa” que alimenta, é o símbolo de tudo aquilo de onde provém o nosso sustento, a nossa saúde, o nosso bem-estar, a nossa vida.

A vida é dom de Deus. O sustento da vida é sagrado porque concorre para favorecer e tornar realidade o dom de Deus. Infere-se daí que o trabalho, dentro do nosso tempo e da nossa realidade, é o instrumento com o qual conseguimos o nosso sustento; por isso também é sagrado.

Existem 12 milhões de brasileiros cujo único trabalho que sabem fazer é com a terra. São agricultores que dependem exclusivamente da terra. E esta lhes falta. Não porque não haja terra mas porque o Governo não encontrou (ou não quis encontrar, ainda) uma solução para este problema. A Reforma Agrária, que foi recentemente anunciada pelo presidente da República, cujo projeto, em cumprimento do Estatuto da Terra, de 1964, é um compromisso assumido, ainda está para ser executada. A urgência desta execução está em relação direta à necessidade de milhões de famílias que passam fome.

Neste número a Revista AVE MARIA aborda este assunto, incluindo a “Nota de apoio à Reforma Agrária” dos bispos que se reuniram em Aparecida por ocasião do XI Congresso Eucarístico Nacional. E também: “Reforma agrária — exigência cristã” e “A urgência da reforma agrária”.

Em agosto tradicionalmente se festeja o dia dos pais. Lembramos seu valor, sua responsabilidade e sua importância nos artigos: “Carta aos meus pais de verdade”, “A você, papai”, “Pais que eduquem”, “O drama de uma órfã de pai vivo”.

A maioria da comunidade cristã é composta de leigos. Eles também têm sua vocação e missão. O artigo: “Ser leigo: vocação e missão” possibilita inúmeros questionamentos e provoca também bonitos depoimentos.

Também neste mês se comemora o dia do padre. Leia a curiosa e interessante história e sua lição em: “O que devo fazer para ser padre?”. E para recordar a glorificação de Nossa Senhora, que tem sua festa no dia 18, o artigo “Assunção de Nossa Senhora”.

Todos aqueles que têm ouvidos para entender e querem entender a Palavra de Deus e penetrar nas raízes da campanha “Pão para quem tem fome”, vão também compreender a grande lição que nos dá a passagem do Levítico 25, 23: Diz Deus: “A terra é minha, e vós estais em minha casa como estrangeiros e peregrinos”. Somos, portanto, peregrinos e, por conseguinte, quando acamparmos, seja na terra que for, não nos esqueçamos do que diz o Senhor.

P.C.G.

**am**  
**avemaria**

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob nº 221.689, no S.E.P.J.R., sob nº 50, no R.T.D., sob nº 67, e na DCDP do DFP, nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.  Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. (Tel. (011) 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP.  Composição, Fotolito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda, Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01.226) - São Paulo.  A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. — Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio. A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas por banco e pelo correio.  Preços: Número avulso: Cr\$ 2.400 - Ass. Anual: Cr\$ 24.000 - Ass. de Benfeitor: Cr\$ 40.000.

Diretor de Redação: Cláudio Gregianin.

Colaboram neste número: Geraldo Barboza de Carvalho, José Wanderley Dias, André Carbonera, José Geraldo Vidigal de Carvalho, José Fernandes de Oliveira, José Cristo Rey Garcia Paredes, Hilário Cristofolini, Antônio Joaquim Lagoa, Maria do Carmo Fontenelle, Rosana C. Chispim, Donald Lazo, Frederico Datler.

Arte e Produção: Pedro Ribeiro.

Revisão: Attilio Cancian.

Diretor Administrativo: Sérgio Ibanor Piva.

Circulação e Assinaturas: José Rodrigues de Almeida. Representantes e Promotores: Geraldo Moreira, Joaquim Dias de Castro, Maria Elizabeth Vieira de Campos, Heliot Carnevale, Valter Cazonire, José Montessor, Irene Martins, Maria Renée, Maria da Paz Souza Santos. Publicidade: Cláudio Gregianin.

Editor Responsável: Cláudio Gregianin.



## Denúncia às arbitrariedades

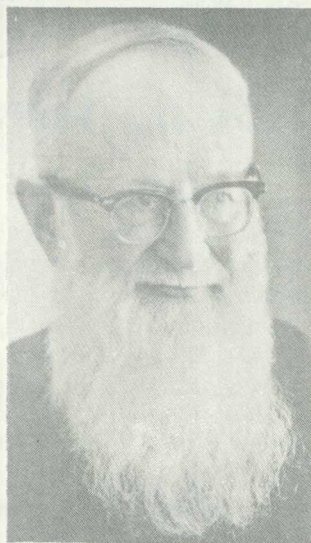
**Brasília (CIC)** — Membros da Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Araguaia-Tocantins entregaram ao Ministro da Justiça, Fernando Lyra, e ao da Reforma e Desenvolvimento Agrário, Nelson Ribeiro, um dossiê de 400 páginas sobre a violência na região. Por questões de terra foram mortos, nos últimos 5 anos, 59 lavradores e uma religiosa. O dossiê denuncia também as torturas e arbitrariedades praticadas contra lavradores por autoridades judiciais, policiais, militares, federais e membros do GETAT.

## "Fruto exemplar"

**Concepción (CIC)** — "Todas as terras de propriedade do bispado de Concepción sem projetos futuros que não estejam destinados a obras específicas de trabalho pastoral, serão postas à disposição para construção de casas ou obras sociais", declarou o bispo diocesano de Concepción, Argentina, dom Jorge Meinville. O anúncio foi feito no ato de inauguração de 37 casas construídas com o apoio de várias instituições, entre elas a Caritas. Dom Jorge qualificou a construção das casas como "fruto exemplar do que se pode fazer quando queremos dar-nos as mãos".

## O clero no México

**México (CIC)** — Durante a 36ª Assembléia da Conferência Episcopal Mexicana, que teve como tema "Os ministérios leigos na Igreja", foram apresentados alguns dados estatísticos da Igreja mexicana: existem no país 4.128 paróquias, 9.968 sacerdotes, 57 diáconos permanentes, 5.622 religiosos pertencentes a Institutos masculinos e 24.033 religiosos dos Institutos femininos. Considerando que a população mexicana é de 80 milhões de pessoas, cabe a cada sacerdote cuidar de cerca de oito mil pessoas.



**Centenário de nascimento do Pe. Kentenich**

Centenário de nascimento do Pe. José Kentenich que sempre teve a coragem de arriscar tudo pela causa de Deus. Fundador de seis Institutos Seculares e de um vasto Movimento de Leigos, orientou a todos com segurança e firmeza a fim de se tornarem instrumentos aptos a serviço da Igreja no tempo pós-conciliar. Também as 12 primeiras pioneiras de Schoenstatt chegaram ao Brasil em 1935; logo estão completando o seu cinqüentenário de trabalho nas missões do Brasil. Iniciaram o seu apostolado em Londrina, PR. Hoje já com outros trabalhos pelo Brasil. Queremos parabenizá-las e desejar a toda a família do Pe. José Kentenich ainda muito êxito em sua missão.

## Os diáconos no Brasil

**São Paulo (CIC)** — Segundo informa a Comissão Nacional de Diáconos, há atualmente no Brasil 414 diáconos permanentes. Este número, no entanto, irá crescer ainda este ano, pois só na arquidiocese de Florianópolis estão previstas 18 ordenações diaconais. A Comissão Nacional de Diáconos é uma das várias comissões ligadas à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

## Liceu Coração de Jesus faz 100 anos

Primeiro colégio religioso particular em São Paulo, fundado no dia 5/6/1885, quando os dois primeiros salesianos aqui chegaram e iniciaram imediatamente o Oratório Festivo, ou seja, um conjunto de atividades religioso-esportivas para atender especialmente aos filhos de escravos. Em 29/6/1886 se inicia a escola primária e escolas profissionais para esses meninos. No início do século XX, abre-se o leque de opções e a escola passa a manter os seguintes cursos: artes, ofícios, comércio. A eficiência da mesma é comprovada pelas obras de arte da própria Igreja Coração de Jesus e dos prêmios que recebeu como escola.

O curso noturno, fundado em 1906 pelos próprios ex-alunos do Liceu (e por eles mantido por algum tempo), atende a operários e funcionários públicos.

O seu internato chegou a 800 alunos internos por ano, vindos de todos os cantos do Brasil e até do exterior.

O curso comercial teve tal desenvolvimento que deu origem à Faculdade de Ciências Econômicas e Atuárias (1936), transferida para a PUC/SP em 1964.

Devido ao aumento dos alunos, em 1916 parte das Escolas Profissionais passou para o Instituto D. Bosco (Bom Retiro). Em 1931, houve outros desdobramentos com a criação do Externato Santa Terezinha (S. Terezinha). Em 1960 a parte ligada à tipografia e editora passou para o Instituto São Francisco (Mooca).

O próprio Liceu continua atualmente com os cursos: Pré-Escola, 1º grau, 2º grau (exatas, biológicas e humanas), 2º grau Técnico-Profissionalizante (publicidade, eletrônica, patologia clínica, contabilidade), Curso Preparatório para as Forças Armadas e curso de Datilografia, e com o Oratório Festivo que todos os domingos abre suas portas aos meninos pobres dos Campos Elíseos e bairros

vizinhos, recebendo, além de um lazer sadio, instrução moral, religiosa e também assistência.

Em 100 anos, passaram 80.000 alunos registrados. Estimando-se os alunos do Oratório Festivo mais as matrículas que se perderam, calcula-se que 150.000 pessoas estudaram no Liceu Coração de Jesus, espalhadas hoje em dia em todos os ramos profissionais e vocacionais existentes.

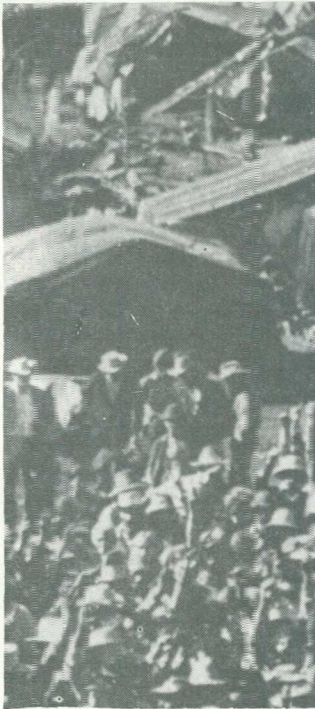
## Movimento pede serviço militar alternativo

**Porto Alegre (CIC)** — O Movimento Justiça e Não-Violência iniciou campanha junto a Igrejas e políticos no sentido de que se empenhem para que a nova Constituição brasileira a ser elaborada inclua o direito de os jovens optarem por um serviço militar alternativo de cunho social, "visto que qualquer ensinamento ou instrução que visa a violência constitui-se numa lesão à consciência de paz do requerente". Um dos militantes do movimento, o pastor Ricardo Wangen, explica que a atual Constituição "confere liberdade da religião, mas não dá liberdade de respeitar a consciência que a religião informa e forma". Além disso, diz o pastor, vários países da Europa e Estados Unidos já dão esta liberdade na prestação do serviço militar. O serviço militar alternativo poderia ser prestado no campo social ou de saúde, como hospitais e postos de saúde do interior.

## Lavradores assassinados

**São Luís (CIC)** — Segundo informações da Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Maranhão, no ano de 1984, os conflitos de terra geraram no Estado 15 assassinatos de lavradores, 37 foram presos e sofreram espancamentos arbitrários e 20 casas foram queimadas.





## Acampados gaúchos conseguem terras

**Tupanciretã (CIC)** — Por 245 dias, 80 famílias passaram acampadas na Estrada de Fortaleza, município de Erval Seco, no Rio Grande do Sul. Depois de muitas negociações e impasses, foi feito um acordo com o governo do Rio Grande do Sul. O governo comprou um terreno de 572 hectares de terra no município de Tupanciretã, onde foram assentadas 58 famílias, sorteadas entre os acampados. As outras 22 famílias restantes foram assentadas dentro do próprio município de Erval Seco. Cada família um lote de 10 hectares de terra, que serão pagos ao governo em 10 anos. Nessa terra os colonos pretendem plantar feijão, milho e hortaliças, visto que a terra é pouca para se fazer a cultura do trigo como o governo queria. Além de a terra ser pouca, o plantio de trigo é muito caro devido aos custos com adubação e plantio. Durante os oito meses que permaneceram acampados na Estrada de Fortaleza, os colonos receberam ajuda das Igrejas, sindicatos e movimentos sociais, que lhes enviaram comida e roupa.

## Avaliação da CF/85 e preparação da CF/86

**Itaici (CIC)** — Representantes das dioceses do Regional Sul I da CNBB (São Paulo), num total de 90 pessoas, estiveram reunidos em Itaici, SP, para uma avaliação da Campanha da Fraternidade de 1985 e preparação da Campanha de 1986. Na avaliação foi observado que o texto-base da Campanha não chegara às bases e que, para isso acontecer, será preciso uma maior divulgação na próxima Campanha. Notou-se que houve momentos fortes de oração e reflexão durante a Campanha, bem como gestos concretos dentro do tema, como a criação e incentivo a hortas comunitárias e a criação de grupos de orientação e educação alimentar. Quanto à Campanha de 1986, os participantes notaram que o tema ("Terra de Deus, Terra de Irmãos") é muito oportuno e vem ao encontro das aspirações sociais e políticas da Nova República, além de ser um desafio para todos os brasileiros.

## Povos indígenas ameaçados de extinção

**México (CIC)** — Segundo dados do Instituto Indigenista Nacional, órgão do governo mexicano, neste século já desapareceram no México 70 grupos indígenas e outros 12 estão em vias de desaparecimento. As principais causas do desaparecimento dos índios são: a política de descuido e agressão; as exigências econômicas do sistema capitalista que causam o desemprego, a desnutrição e a perda das terras para grandes empresas nacionais e multinacionais. No México existem atualmente 82 raças indígenas, que falam 56 línguas e 250 dialetos. Se não houver uma política estatal favorável, os grupos indígenas mexicanos tendem a desaparecer completamente.



## Consagração do Santuário de Santa Isabel

No dia 18/8/85 foi Consagrado o Santuário de Santa Isabel em Vila Santa Isabel, Distrito de Vila Formosa em São Paulo, capital. Esta paróquia mantém amplo sistema de assistência, atendendo a mais de 60 menores carentes e 30 famílias. Já foi iniciada a construção de um hospital. A paróquia vem sendo construída há 35 anos com amor e muita fé.

## Clero chinês

**Pequim (CIC)** — Na China Continental existem 6 seminários maiores com 300 clérigos. São católicos, mas da Igreja Patriótica, separada do Vaticano. Começaram com seminários em 1982, apesar da

grande dificuldade em obter livros de filosofia e teologia, já que a revolução cultural destruiu todas as bibliotecas religiosas.

## Aviso aos assinantes

Brevemente o representante da Revista AVE MARIA, Sr. Jerônimo José de Farias, estará visitando as cidades paulistas: São José do Rio Pardo, Caconde, além das seguintes cidades mineiras: Arceburgo, Guaraniânia, Guaxupé, Muzambinho, Monte Santo, Itamogi, São Sebastião do Paraíso, Cássia, Passos, Areado, Alfenas, Paraguaçu, Machado, Poços de Caldas e Andradadas.



## CONSULTÓRIO POPULAR

- Aqui respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.
- Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.
- Correspondência para: Alceu Orso, C.M.F. — Cx. Postal 54.215 — CEP 01227 São Paulo, SP

1.979

### Nº 666 DO APOCALIPSE

Obriga-me a ver no Papa o personagem que encarna o simbolismo do nº 666, pois os dizeres "Vicarius Filii Dei" são um premonitório daquele fatídico nº mencionado em Apoc 13,18.

O título *Vicarius Filii Dei* não só não está na mitra, mas nem sempre é o título que se costuma dar ao Papa. O título que se dá ao Papa é o de "Vicarius Christi". É uma arbitrariedade mudar esse título para *Vicarius Filii Dei* para poder deduzir o nº 666.

Em segundo lugar, a explicação das letras de um nome para um número só era usada no hebraico e no grego (língua em que foi escrito o Apocalipse); esse uso não havia na língua latina. É arbitrário entender esse uso, baseando em S. João e em outras línguas. É tão arbitrário e ridículo que até no nome "Jesus Nazareno", escrito em hebraico e grego, tem sido encontrado o nº 666.

1.980

### SANTA FILOMENA

Sou devota de Santa Filomena, tendo alcançado diversas graças, mas tenho ouvido muitas pessoas dizerem que Santa Filomena não é santa. Peço-lhe esclarecer-me a respeito (M. R. C. L. - São Lourenço - MG).

A devoção a Santa Filomena, tal como foi praticada no passado e hoje há



ainda alguém que a pratica, nunca teve de absurdo ou supersticioso.

A respeito desta santa, jamais puderam receber uma comprovação científica os seus dados concretos, como onde nasceu, data de nascimento, lugar, pais, sua vida, etc... Há falta de documentos autênticos relativos à existência histórica de Santa Filomena.

O culto desta santa propagou-se em força de propaganda e por influência das revelações da Irmã Maria Luísa de Jesus que serviram de base para a biografia da santa. Mas esta biografia está destituída de qualquer fundamento histórico.

O Santo Cura D'Ars, vivendo numa época de exíguo senso crítico, acreditou, como, aliás, a maioria da Igreja, na veracidade

da documentação sobre Santa Filomena e tornou-se seu devoto e seu arauto. Isto, porém, não implica necessariamente a autenticidade da história desta santa.

Em atenção a esta devoção popular, os papas permitiram o seu culto e até consentiram a introdução de sua festa no calendário litúrgico.

Na história da Igreja muitos escritos dos santos acerca de suas vidas, escritos tardiamente, reproduziam muito mais a lenda do que a realidade. Sempre pairaram dúvidas sobre a vida e mesmo a existência de diversos santos.

Diversas vezes, no curso da História, a Santa Sé ordenou revisões em seus livros litúrgicos e nos seus martiriológicos, expurgando festas, costumes e len-

das que foram introduzidas pela crença popular, mas destituídas de fundamento histórico e crítico.

Na revisão ordenada pelo papa João XXIII, diversos santos foram retirados do culto público. E a 14 de fevereiro de 1961, através do decreto da Congregação dos Ritos, o papa João XXIII aboliu o culto da suposta Santa Filomena, retirando o seu nome do calendário litúrgico.

Este decreto do papa João XXIII causou uma reação muito viva e até violenta de muitos católicos. Mas a imensa maioria do povo cristão soube compreender a medida e acatou com humildade as ordens da Igreja.

Outra revisão deu-se a 14 de fevereiro de 1969, a última reforma do calendário litúrgico, realizada pelo papa Paulo VI, que retirou do culto público muitos outros santos que, embora venerados pelo povo, deles nunca se conheceram dados concretos quanto a suas vidas.

Os milagres e as graças que foram atribuídas à intercessão de Santa Filomena podem ter sido realmente concedidos por Deus, sobretudo em atenção à fé e à devoção dos fiéis. Pois, na realidade, não são os santos que concedem graças ou operam milagres, mas somente Deus, por intercessão deles ou diretamente por si.

Cumprido esclarecer que os santos são canonizados, não pelos milagres que fazem mas sim pela heroicidade das virtudes que praticaram.



# Ame-se (III)

Geraldo Barboza de Carvalho

Muita coisa, que se chama avanço, não passa de violento retrocesso. Avanço é revelar que só vale a pena o que nasce do amor.

**P**ode a maioria dos brasileiros amar-se, como é a vontade de Deus? Não se pode pregar o Evangelho a quem está com fome; primeiro dar-lhes comida. Jesus deu o exemplo disto: "Tenho pena deste povo, tanto tempo me seguindo sem ter o que comer". Aí veio a multiplicação dos pães e peixes. Nas bodas de Caná faltou vinho. E ele fez questão que houvesse, e do melhor. Também não se pode falar de pecado nem incriminar um povo faminto e deseducado, aliás analfabeto. É por isso que a criminalidade no Brasil é menos questão de polícia e mais questão de decisão política. É por isto, também, correto dizer que "não existe pecado do lado de baixo do Equador". A polícia deveria perseguir não os ladrões por necessidade, os ladrões de galinha, mas os ladrões de golinha, os salteadores de grossos coturnos.

O povo faminto não pode amar seu corpo. Aí se vinga na cachaça, como maneira de apressar mais rápido seu fim. O menor abandonado acaba cheirando cola, prostituindo-se, enchendo seu corpo de doenças, numa autêntica porém inconsciente, mas instintiva, eutanásia. Se ninguém o ama, se nem lhe ensinaram que Deus o ama (nem ele irá acreditar, se desde a infância é vítima da falta de amor), como pode ele se amar? Assim, antes morrer, para encurtar um sofrimento sem sentido. Pois o sofrimento, assumido como provação de nossa fé, é o melhor meio de progresso espiritual. Mas o sofrimento do povo não é provação de Deus, é tortura da maldade humana. Deus põe à prova aqueles que mais o amam. Mas o povo sequer conhece a prova mais palpável do amor



que é o cuidado com o corpo, que é o alimento, o asseio, a moradia decente. Jesus se fez alimento para nós, por amor. "Este é meu corpo, este é meu sangue, tomai e comei, tomai e bebei". Amar é alimentar. É cuidar da vida. Como pode o povo cuidar de sua "cuca", se vive o tempo todo de cabeça quente, exclusivamente preocupado (muitos nem isso!) como conseguir o feijão de cada dia? Como pode cuidar de sua vida interior um povo analfabeto e cuja cultura é massificadamente televisiva? Como pode se desenvolver uma vida sem condições? Como a vida, o amor precisa de condições para crescer.

O Brasil é um país faminto, um país com fome. Faminto de estômago, faminto de educação, faminto de Deus; faminto de moradia, faminto de amor, faminto político, faminto econômico. A Nação está de mãos levantadas, numa trágica e desesperada prece aos homens de boa vontade, aos que têm fé em Deus, neles mes-

mos e no País, a fim de que atendam a suas necessidades básicas de alimento do corpo, de alimento do espírito. Que transformem nossa educação numa tarefa transformadora desse imenso canteiro de obra, dessa imensa sementeira de felicidade. Que transformem profundamente nosso sistema de comunicações, de modo a darem a nossos filhos filmes e novelas que alimentem seu espírito faminto de conteúdos culturais construtivos. Em lugar das mensagens violentas para o corpo e para a mente, que só conduzem à depravação, ao desprezo dos valores positivos, ao desrespeito a si mesmo e aos outros, à profanação das coisas puras. Muita coisa que se chama de avanço, não passa de violento retrocesso. Avanço é o que promove o homem, levando-o a querer bem a si mesmo, a achar bom ser como ele é, e a querer bem aos outros. Avanço é revelar que só vale a pena o que nasce do amor. Alimento é ato de amor. •



# XI Congresso Eucarístico Nacional

Por ocasião da abertura do XI Congresso Eucarístico Nacional, aos 16 de julho deste ano, o papa João Paulo II enviou sua mensagem, lá do Vaticano. Eis na íntegra a mensagem:

“Amados Congressistas, peregrinos de Aparecida, queridos irmãos e irmãs do Brasil:

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo!

O meu primeiro pensamento, hoje, vai para o “Deus conosco” no Santíssimo Sacramento da Eucaristia, centro das celebrações que se realizam nestes dias, nesta Casa de Nossa Senhora, onde se sente uma presença particular da Mãe celeste. Aí, acolhendo seus filhos, hoje como ontem, Ela continua a repetir: “Fazei tudo o que Cristo vos disser!” (cf. *Jo* 2,5). É Ele o centro das atenções. NEle estão postos os olhos de todos. Para Ele, com a minha adoração, em uníssono com todos vós, vai a ação de graças, a reparação e a súplica de misericórdia: “Bendito, louvado e adorado seja o Santíssimo Sacramento da Eucaristia!”.

Em espírito, volto a Aparecida, nestes dias do undécimo Congresso Eucarístico Nacional. Em espírito, volto ao Brasil, revivendo gratamente as jornadas de cinco anos atrás, rumo a Fortaleza, onde se realizava o precedente Congresso. Hoje, como então, penso no lema que aí vos congrega: “Pão para quem tem fome”. Toda a espécie de fome: do corpo e do espírito. E peço a Cristo que faça ouvir a cada congressista e a cada romeiro: “Eu sou o Pão da Vida” (*Jo* 6,35), realmente presente no Sacramento do Amor.

Mais do que em espírito, quis estar nesse Santuário Nacional pelo meu Enviado Especial, o Senhor Cardeal Dom Sebastião Baggio, amigo do Brasil e a quem — estou certo — o Brasil conhece e estima. Como em manifestações análogas de afeto pelo dileto povo brasileiro — recorde a concessão da segunda Rosa de Ouro, precisamente ao Santuário de Aparecida, em mil novecentos e sessenta e sete — o Sucessor de Pedro quer estar aí, com a Igreja que

está no Brasil, com todos vós, “santificados em Jesus Cristo e chamados à santidade” (cf. *1 Cor* 1,2), unido à vossa oração, para que Deus abençoe o Brasil.

Assim me unjo a todo o povo, sob o olhar da Mãe de Deus e nossa, em torno do Altar, para proclamar a verdade fundamental da nossa fé e da vida cristã: que todo o Santo Sacrifício da missa é uma renovação incruenta do sacrifício oferecido na cruz por nosso Senhor Jesus Cristo; nele se perpetua através dos séculos o seu Mistério pascal: todas as vezes que celebramos a Eucaristia anunciamos a morte do Senhor” (cf. *1 Cor* 11,26); mas anunciamos também a sua vitória sobre a morte, a sua ressurreição. Anunciamos o mistério da Redenção, ou seja, anunciamos que o Amor é mais forte do que a morte, mais poderoso que o pecado; anunciamos que “Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho, para que todo aquele que crê nele não pereça, mas tenha a vida eterna” (*Jo* 3,16).

Por isso, a Eucaristia está no centro da comunidade dos fiéis, é sacramento de reconciliação, no sentido de que perpetua a aliança de Deus com o seu Povo, prefigurada no Sinai: “É o Sangue da aliança (o selo do Novo Testamento) derramado por muitos em remissão dos pecados” (*Mt* 26,28). A Eucaristia, centro e ápice da vida cristã, reconcilia, purifica, cancela as raízes do pecado, aumenta a caridade e torna mais sólida a comunhão eclesial. Nós, na Eucaristia, tornamo-nos o que recebemos: “consangüíneos” de Cristo, irmãos entre nós. A Igreja vive da Eucaristia, com ela se edifica, se fortalece. Não existe Igreja sem Eucaristia, nem Eucaristia sem Igreja.

Nestes dias pensai, rezai e vivei como família de Deus em vossa terra. Se o amor de Deus estabelecer-se profundamente em vossas existências, criareis bases profundas de unidade como Igreja, único corpo místico de

Cristo. E unidos com vossos pastores, num só coração e numa só alma, gozareis todos de abundância de graça, haurida constantemente na fração do pão da Eucaristia e da Palavra de Deus (cf. *At* 2,42; 4,33), para manterdes e testemunhardes a identidade cristã: “Nisto precisamente todos reconhecerão que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros” (*Jo* 13,35).

Seja a última palavra de súplica à Mãe de Deus e nossa, a criatura mais estreitamente unida ao mistério da Redenção do homem e do mundo, ao Sacrifício de Cristo, que se perpetua na Eucaristia:

Ó Mãe, que assististes a Igreja primitiva, daqueles que eram perseverantes no ensino dos Apóstolos, na união, na fração do pão e nas orações, vivendo o desígnio do Criador de sermos irmãos, fazei de nós exemplos de partilha fraterna e de empenho na aproximação dos homens entre si!

Ó Mãe, fazei que, pensando no passado, olhando o presente e projetando o futuro melhor da família brasileira, todos saibam dizer não à indiferença, ao desinteresse, à violência e a toda forma de desamor; e sim à solidariedade, à fraternidade, à paz e ao amor, porque Deus é amor!

Ó Mãe! fazei que a Eucaristia seja retamente entendida e seriamente celebrada, participada e vivida! Que este Congresso Eucarístico tenha como fruto um renovado culto da Eucaristia, pela adoração e pelas obras de caridade: “para que todos tenham a vida e a tenham abundantemente”; para que todos descubram e se encontrem pessoalmente com Aquele que disse: “Eu sou o Pão da Vida”. Amém!

E com o coração inundado pela alegria deste encontro, juntamente convosco, com Cristo-Eucaristia, a todos abençoe: em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo!” •





## Carta aos meus pais de verdade

José Wanderley Dias

*Só o amor pode transformar a revolta, a vergonha, a violência num carinho sem igual e sem comparação.*

**N. do A.:** Pode ser que os termos desta carta não sejam exatamente os que estão logo abaixo. Não se trata, porém, de ficção, mas de realidade. A história verídica fui buscá-la num artigo do notável pensador brasileiro, Prof. Ruy Nunes, a quem aqui saúdo respeitosamente (JWD).

### MEUS PAIS QUERIDOS, MEU PAIS DE VERDADE.

Tenho "a" grande notícia a dar-lhes: estou grávida.

No meu ventre abrigo seu neto. Emociono-me às lágrimas com a alegria incomparável e, mais ainda, em transmitir a vocês tudo que me vai n'alma.

Meu filho, seu neto (ainda não sei o sexo, é muito cedo ainda!) foi gerado de um gesto de amor, da entrega total, voluntária de duas pessoas que se amam com totalidade.

Assim que se anunciou que seria pai, meu marido beijou respeitosa-mente o meu ventre. Tenho a certeza de que seu beijo chegou ao nosso filho em formação.

O futuro nenê sabe que é amado

desde o início, desde antes do início, desde o momento em que buscamos perpetuar nosso amor trazendo uma nova existência para partilhar da nossa.

Imagino o que vocês, meus pais de verdade, estarão sentindo. É seu primeiro neto. É o filho com açúcar que vem por aí, para dar a beleza da infância aos que a recebem no outono.

Gostaria de dizer, a meu filho, o quanto o amo. Sinto, pelas vibrações do ser dentro de mim, que ele me ama, e muito; que ele ama a seu pai, e muito; que ele ama a seus avós, a vocês, mais ainda até, se é possível haver gradação em tal amor.

E que é que vou dizer-lhes, meus pais queridos, nesta hora incomparável?

Que lhes sou muito grata, que lhes sou irremediavelmente reconhecida por haver recebido a vida de vocês, podendo, agora, transmiti-la, levá-la adiante.

Repito que é uma seqüência de amor.

O bebê ama; eu e meu marido amamos; mamãe ama; mas é você, vovô, e vovó não terá qualquer ciúme ou diminuição da afirmativa, é quem amou e ama, acima de todos nós.

Você amou com verdade, você amou com renúncia, você amou com bravura.

Ninguém foi mais pai que você; ninguém será mais avô que você.

Desculpe se lhe lembro o que você fez questão de esquecer. É preciso, porém, lembrar, porque um gesto de amor integral não pode ficar perdido, esquecido, por mais respeitáveis que sejam os motivos para não alardeá-lo. Estou viva, porque você optou por que eu vivesse. E, a cada instante de minha vida feliz, eu agradeço a sua coragem; e a cada instante amargo de minha existência, eu peço a Deus que o abençoe pelo seu exemplo de heroísmo e coragem.

Foi há algum tempo atrás. O tempo de minha idade e mais nove meses, cerca disso.

Também ali um jovem casal sonhava com o amanhã e vivia a ventura despreocupada de seus primeiros meses de casamento.

Foi então que sucedeu a tragédia, que aconteceu a violência.

Não é preciso fazer longas descrições, penosas narrativas.

Um marginal entrou no seu modesto lar. Você não pôde sequer reagir, porque a arma do facinora apontava para sua mulher.

Esta, sob igual ameaça, foi forçada a amarrá-lo, a imobilizá-lo.

E o monstro a violou, a violentou, a submeteu à sua infâmia.

Fugiu. Horas depois, vocês foram socorridos, libertados.

Sua esposa, envergonhada, humilhada, aniquilada com o que fora forçada a fazer.

Você, homem de brio, não se esqueceu de amparar a maior vítima, sua mulher.

Nunca se falou em vergonha, em humilhação, em violência na sua casa.

O amor redobrou. Já bastava o drama de sua mulherzinha ter de recolher-se a um hospital, para recuperar-se, física e mentalmente, da violência sofrida.

E foi lá que se constatou a gravidez, a prenhez da violência, a espera do filho gerado pela violação, o crescimento de um fruto do desamor e da



vergonha, do ódio e da suprema agressão.

Era, porém, uma vida. E sua mulher chorou de dor, de vergonha e de dúvida quando se constatou que assim estava grávida.

Aí foi que, sem alarde, porque isso teria de ser decidido em silêncio e em recolhimento, você tomou a decisão mais nobre que poderia alguém tomar ante a vida: você recusou qualquer idéia de aborto, qualquer idéia de interromper o curso de uma existência inocente.

Era eu, papai querido, quem estava no ventre de minha mãe naqueles dias. Eu, embrião ainda, já sentia as emoções que sente qualquer vida. Eu não queria morrer, mas até compreenderia o seu drama.

Você, porém, me amou como ninguém. E seu amor deu coragem à minha mãe. E vocês me amaram com totalidade, sem uma ponta sequer de egoísmo.

Nem pensaram no que os outros chamariam de vergonha. Para vocês, significava aceitar a paternidade e a maternidade em circunstâncias tão difíceis e dolorosas.

Meu marido gerou em mim um filho pelo amor que se entrega. E você gerou um filho no coração, no perdão e na compreensão. Por isso, pai, eu o amo tanto, por isso, você vai ser avô.

Seu procedimento, sua elevação, sua atitude apagou em mim qualquer idéia de que sou um fruto da agressão e da violência. Ninguém foi tão

amada por seu pai e por sua mãe quanto eu. Meu nascimento se deve ao respeito pela minha existência, não pela mera realização pessoal, nem sequer pelo sonho real e respeitável.

Nunca houve pais como vocês.

Nunca haverá avós como vocês. Vivam, portanto, a alegria que só é possível porque vocês me amaram acima de vocês mesmos.

Que Deus os abençoe por isto. Só mesmo amor como o seu poderia transformar a revolta, a vergonha, a violência num carinho sem igual e sem comparação.

É o que queria dizer-lhes, amados meus, a mãe de seu neto, a filha de seu amor sem medida e sem comparação. ●

## A VOCÊ, PAPAÍ!

André Carbonera

**Segundo domingo do mês de agosto,  
consagrado ao Dia dos Pais. Aqui a nossa  
homenagem.**

**A** gosto...  
Mês bonito...  
Mês do PAPAÍ...

A você, papai, o herói da família, nossa gratidão.  
A você, papai, o timoneiro do lar, nossa gratidão.  
A você, papai, o batalhador, nossa gratidão.  
A você, papai operário, nossa gratidão.  
A você, papai desempregado, nossa gratidão.  
A você, papai ágil, nossa gratidão.  
A você, papai lerdo, nossa gratidão.  
A você, papai higiênico, nosso reconhecimento.  
A você, papai sujo, nosso reconhecimento.  
A você, papai caprichoso, nosso reconhecimento.  
A você, papai relaxado, nosso reconhecimento.  
A você, papai amado, nosso reconhecimento.  
A você, papai desprezado, nosso reconhecimento.  
A você, papai dedicado, nosso reconhecimento.  
A você, papai indiferente, nosso reconhecimento.  
A você, papai durão, muito obrigado.  
A você, papai bocó, muito obrigado.  
A você, papai entendido, muito obrigado.  
A você, papai analfabeto, muito obrigado.  
A você, papai bonitão, muito obrigado.  
A você, papai feiarrão, muito obrigado.  
A você, papai cristão e praticante, muito obrigado.  
A você, papai piedoso, muito obrigado.  
A você, papai fiel, muito obrigado.

A você, papai honesto e bom, somos agradecidos.  
A você, papai otimista e alegre, somos agradecidos.  
A você, papai amigo e conselheiro, somos agradecidos.  
A você, papai "caseiro", somos agradecidos.  
A você, papai respeitoso, somos agradecidos.  
A você, papai inceptor, somos agradecidos.  
A você, papai brincalhão, somos agradecidos.  
A você, papai trabalhador, somos agradecidos.  
A você, papai desportista, somos agradecidos.  
A você, papai sisudo, somos agradecidos.  
A você, papai sadio, dizemo-nos gratos.  
A você, papai doente, dizemo-nos gratos.  
A você, papai mal pago, dizemo-nos gratos.  
A você, papai marginalizado, dizemo-nos gratos.  
A você, papai jogado num asilo, dizemo-nos gratos.  
A você, papai responsável, dizemo-nos gratos.  
A você, papai equilibrado, dizemo-nos gratos.  
A você, papai rico, dizemo-nos gratos.  
A você, papai pobre, dizemo-nos gratos.  
A você, papai querido, nossa homenagem.  
A você, papai odiado, nossa homenagem.  
A você, papai da terra, **AQUELE ABRAÇÃO.**  
A você, **PAPAÍ DO CÉU, NOSSA ADORAÇÃO.**  
Mês do papai...  
Lindaço mês...  
Agosto...  
Fim.



# PAIS QUE EDUQUEM...

José Geraldo Vidigal de Carvalho

**É através do diálogo  
que os pais se fazem sustentáculos de  
existências que desabroçam, orientando,  
guiando, ensinando.**

**D**o papa João XXIII se diz que primava por simplificar as questões complicadas. Por vezes, aparecem aqueles que complicam o que é simples. Tal acontece com a educação no momento atual. As teorias multiplicam-se. As normas são sempre mais numerosas. A criança, porém, torna-se então uma vítima, pois acaba não recebendo aquele influxo formativo eficiente de que carece. A tarefa educativa é árdua, supõe imolação, mas não está fora do alcance dos que, com atitudes naturais, se entregam a tão nobre missão. Aliás, Emerson com razão afirmou: "O homem que faz com que as coisas difíceis pareçam fáceis, é um educador". Quem é capaz de amar, compreender, ajudar, inspirar confiança, educa com êxito.

O verdadeiro amor manifesta-se numa orientação esclarecida, ministrada diuturnamente, e numa firmeza em corrigir com tato as falhas observadas. Não passa recibo nos erros. Não admite a omissão culposa que não previve nos males. A dileção desinteressada inclui um devotamento diuturno que leva a um espontâneo esforço no sentido de promover eficientemente o bem-estar físico e espiritual da criança.

Por outra, a compreensão é uma exigência do próprio amor. Os pais conscientes de que cada criança tem um perfil caracterológico próprio analisam fato por fato para indagam o motivo desta ou daquela reação menos correta. Se o desacerto não pode nunca ser louvado, as razões que conduziram ao mesmo variam de indivíduo para indivíduo. É esta percepção lúcida que significa compreender a atitude a ser ajustada, o comportamento que cumpre seja repensado. Mesmo em tenra idade, o



ser humano percebe se houve ou não delicadeza na maneira pela qual a correção foi processada ou o modo como uma situação foi analisada. Muitas vezes, basta a apreensão da ocorrência e um enfoque sábio do que houve para que a correção se dê sem maiores empecilhos e perfurem para sempre seus efeitos benéficos.

Adite-se que a ajuda é imprescindível no processo pedagógico. Esta pode ser traduzida na palavra diálogo. O que as crianças e mesmo os adolescentes mais almejam é uma troca de idéias franca e contínua. É conversando que se clarificam os caminhos a serem percorridos. A pala-

vra opera maravilhas. Hoje, sobretudo, quando tudo leva à dispersão, à ausência, a palestra amiga é fator de segurança. Momentos felizes aqueles nos quais pais e filhos, numa tertúlia amiga, firmam princípios, reavaliam situações, solidificam expectativas. Neste caso os pais se fazem sustentáculos de existências que desabroçam, orientando, guiando, ensinando.

Tudo isto partureja a confiança mútua, ingrediente básico de uma educação eficiente que leva ao amadurecimento do indivíduo. Quando a criança percebe coerência, ela adere às instruções que recebe, pois nelas confia. Então as injustiças e as contradições não têm lugar. Assim, as causas principais de traumas psíquicos ficam afastadas e aumenta, dia a dia, a possibilidade do crescimento interior do educando. Pai e mãe se transformam em confidentes naturais dos filhos. Um espaço valioso fica aberto para uma formação realmente eficaz. Dá-se, desta maneira, o desabrochar completo das potencialidades humanas, ou seja, a realização do homem na sua forma autêntica. Daí o equilíbrio, a harmonia interiores que se refletem exteriormente numa vida que conhece a ventura. Personalidade indene contra desvios e carências existenciais. Espírito aberto que não se apavora diante do fluxo dos acontecimentos, mas que sabe julgar, vinculando as mudanças ao passado e iluminando-lhes as semelhanças e as disparidades. Surge então o jovem que pode distinguir o essencial do acessório, sem se deixar levar por um relativismo deletério.

Para que este ideal seja atingido, não se faz mister erudição, grandes estudos. Basta o devotamento de pais que queiram se sacrificar, de fato, pelos filhos, nunca se furtando à missão formativa que lhes cabe. Este múnus supõe, isto sim, imolação, fuga do comodismo, honorabilidade pessoal, atitudes exemplares, abertura de espírito, idealismo.

Estas virtudes, num contexto hedonista no qual impera o egoísmo, estão escasseando.

Educar é simples. Estar à altura desta nobre causa é que se torna difícil, por força dos complicadores advindos do materialismo reinante. Pais que eduquem, eis a solução para as crises hodiernas. ●



## O drama de uma órfã de pai vivo...

José Fernandes de Oliveira

Meu pai é um ótimo administrador de nossa casa. Lá não falta nada. Só falta ele mesmo...



**M**elody é uma típica menina norte-americana. Generosa, cheia de sonhos, apaixonada pelo namorado, teria tudo para ser feliz num país rico onde, teoricamente, ninguém passa fome.

Mas Melody é infeliz. E, como Melody, centenas de milhões de rapazes e meninas no mundo inteiro,

incluído sem dúvida alguma o Brasil, poderiam ser felizes, mas não o são. E não o são porque, embora tenham pai e mãe, realmente não têm nem o pai nem a mãe que os geraram. Vivem na mesma casa, mas sentem-se mal-amados e traídos ou por ele ou por ela.

Isso de marido trair mulher e mu-

lher trair marido já virou moda e epidemia em alguns centros urbanos. É de se perguntar onde não aconteceu alguma vez. Mas, quando o fato é ostensivo, a situação se torna deprimente.

Pois é bem este o drama de Melody. Seu pai tem outra e toda a pequena cidade sabe. As amigas comentam que o viram em tal ou tal lugar com ela, a outra... A mãe sabe e não pode fazer nada, pois não teria como cuidar dos outros filhos, caso obrigasse o marido a decidir entre ela ou a rival. E é com isso que ele conta. Para ele está cômodo demais. Tem duas mulheres, tem certeza de que a legítima não o deixará por não ter condições de manter as crianças, e sabe que a amante não exige nada senão um pouco de ajuda e sua presença.

O que a filha pensa, não interessa. Quando Melody deixou claro, na impertinência dos seus dezesseis anos, que sabia onde o pai passava as noites de sábado, ele bateu nela. Daquela dia em diante deixou de ser carinhoso ou até de lhe dar bom-dia. Seu coração de pai endureceu. Quer o direito de ter duas mulheres. Quer a que lhe deu seis filhos e quer a que lhe dá prazer em troca de nada. E não abre mão de nenhuma das duas. E a filha Melody que se cale, porque ele sabe o que está fazendo...

Melody sente vergonha do pai e pena da mãe. Mas também não sabe o que fazer. O consolo são as amigas leais e o namorado que é bom e respeita a dor dela. Mas em algum lugar deste planeta, há uma menina triste que se sente traída pelo pai. Esses dias Melody, em conversa com Judy, definiu tudo o que sentia:

— “Meu pai é um ótimo administrador de nossa casa. Lá não falta nada. Só falta ele mesmo... Pra mim ele morreu no dia em que me espancou porque soube que eu sabia da traição dele. E, se eu não acreditasse que Deus é Pai, eu faria uma bobagem. Mas eu acredito”...

Melody é igual a milhões de jovens brasileiros: Órfãos de pais vivos.





## Reforma agrária - exigência cristã

Cláudio Gregianin

*A reforma agrária é uma necessidade e uma urgência. É desígnio de Deus que a ganância, a opressão e a violência sejam vencidas. Ver a realidade do povo brasileiro, julgar esta realidade à luz da Palavra de Deus e do mandamento fraterno de Cristo, e agir como irmãos para ter no Brasil verdadeira paz.*

**E**stamos vivendo tempos de transição. Um processo social democrático que já não está mais na fase da semente mas que desponta lentamente como as primeiras folhas em busca do sol.

No atual momento a questão da Reforma Agrária e o problema do agricultor brasileiro, sem terra, tomam relevância notória. O pronunciamento e a promessa do Presidente José Sarney sobre a Reforma Agrária começam a ser cobrados com vigor por parte do povo. Os sem-terra movimentam-se no sentido de fazer daquilo

que é promessa realidade.

Uma nova forma de reivindicar e de lutar pela terra começa a aparecer: o acampar. Em vários pontos do Brasil trabalhadores rurais, sem terra, ou expulsos de sua posse, começam a se unir e a se reunir em acampamentos. Sua reivindicação: terra para poder trabalhar e sobreviver

### Luta oficial mas cheia de esperança

O quadro social mais expressivo dos agricultores sem terra, até

o final do mês de julho, aparecia nesta situação nos jornais e revistas que ficaram atentos a estes problemas.

No sudoeste do Estado do Paraná, por exemplo, 1.600 famílias (aproximadamente 10.000 pessoas), conforme relato de Ricardo Abramovay no jornal "O São Paulo", nº 1.526, acamparam à beira das estradas dos municípios de Marneleiro, Salto da Lontra e Chopinzinho, próximos ao Estado de Santa Catarina e à Argentina.

Estes agricultores querem que o governo libere já três mil alqueires de terra do Estado em áreas próximas aos acampamentos para plantação coletiva. São agricultores associados ao MASTES (Movimento dos Agricultores Sem Terra do Sudoeste) que se organizaram após constatarem que, para Odacir Vicente Sapieginski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Planalto, "se ficarem em casa



esperando, a Reforma Agrária não vai mesmo acontecer”.

Em Santa Catarina, na região oeste do Estado, um grupo de lavradores, respaldado pelo Movimento dos sem-terra, reivindica imediata desapropriação de 1.000 hectares de terra do Estado que os membros do Movimento ocupam.

Na divisa do Ceará com o Piauí, 1.300 hectares na Serra da Ibiapaba são tomados por 45 famílias premidas pela necessidade de trabalho e comida.

Em Mundo Novo, Mato Grosso do Sul, conforme anota a revista *Isto É* de 3/7/85. O Sr. João Eleotério, 51 anos, coordenador regional da Comissão Pastoral da Terra (CPT), prevê que o movimento dos “brasilguaios” em breve ultrapassará a cifra de 3.000 famílias. Atualmente já são 1.200 famílias que vêm movidas pela nova esperança despertada pela reforma agrária anunciada pela Nova República. (“Brasilguaios” são brasileiros que em busca de terra chegaram até o Paraguai. Lá se estabeleceram. Mas as leis mais rigorosas com os estrangeiros e a repressão sistemática dos “comisarios” — delegados de polícia — fazem com que retornem ao Brasil.)

Na Bahia, a 270 km de Salvador, nos municípios vizinhos de Iaçú e Itaberaba, mais de 150 lavradores já tinham demarcado terras de três fazendas, quando a polícia chegou. “Parecia uma revolução”, disse Andreilino Souza Serra, 38 anos, Presidente dos Trabalhadores Rurais de Iaçú.

Em Porto Alegre, RS, o deputado Braun, 35 anos, presidente da Comissão dos Sem-Terra da Assembléia Legislativa, manifestou preocupação diante da possível violência que pode advir ao saber que latifundiários e fazendeiros do norte do Estado estão se organizando e armando para revidar uma possível invasão em massa por parte dos colonos sem terra. E assegurou que “no Rio Grande do Sul existem 140 mil fa-

mílias de agricultores sem terras e 2,5 milhões de hectares ociosos”.

Não menos tensa é a região conhecida como Bico do Papagaio, no extremo norte de Goiás, entre os rios Araguaia e Tocantins, talvez a região mais tensa do Brasil. Ali, lavradores cearenses e maranhenses há mais de dez anos ocuparam as terras do Governo que depois foram vendidas a fazendeiros, e o conflito começou. Para avaliarmos o nível de tensão entre fazendeiros e posseiros na região em Belém, conforme notifica a revista *Veja*, n.º de 19 de junho, o advogado Donato Cardoso, presidente do Grupo Executivo das Terras do Baixo Amazonas, denunciou na televisão que os proprietários rurais do Pará haviam depositado 5 bilhões de cruzeiros numa caixinha para comprar armas e formar milícias particulares contra invasores das terras. Nesta mesma região, onde se implanta um regime de guerra, onde um ex-tenente, Trajano Bueno Bicalho, encabeça a guarda de uma fazenda de 12.000 hectares e se vangloria (pasmem!) em dizer “invasor que pisar aqui leva chumbo. Vem que tem” (tal é a sua postura agressiva e de antidiálogo que mereceu lugar na capa da revista *Veja*, de 19.6.85). Essa região nos

Mais recente ainda é a morte do missionário italiano, padre Ezechiele Ramin, comboniano. Foi morto a tiros quarta-feira, dia 24 de julho de 1985 quando voltava da Fazenda Catuaba, município de Aripuaña, MT. O padre Ezechiele trabalhara na diocese de Ji-Paraná, Rondônia, com o bispo D. Antonio Possamai. O assassinato foi precedido por uma emboscada preparada por jagunços ligados a uma fazenda localizada na área em litígio do quilômetro 70 da linha 7 do Projeto Riachuelo\*.

\*Em Recife - PE. Pe. Henrique Pereira Neto aos 26/5/69. Na divisa de Mato Grosso, Pe. João Bosco Penido Burnier aos 12/10/76.

cinco primeiros meses deste ano já ceifou 40 vidas de pessoas envolvidas em conflitos pela posse de terras.

O padre Ricardo Resende, coordenador da Pastoral da Terra na região do Araguaia e Tocantins, denuncia e alerta: “Sei de uma fazenda onde há sessenta pistoleiros armados com metralhadoras nesta área”. Em abril nessa região, um pistoleiro matou a freira Adelaide Nobrimari, que trabalhava do lado dos lavradores sem terra.

A mesma revista *Veja* citada traz informações que retratam bem o clima violento que existe nas questões de terra: Na disputa de glebas, grilagens e posses, morrem a cada ano no Brasil perto de 200 pessoas”. Para termos base de comparação, “no pior ano do terrorismo urbano, 1973, morreram no Brasil 71 pessoas”.

## Quadro iníquo

O Brasil inteiro mede 850 milhões de hectares. Os imóveis rurais, entre produtivos e improdutivos, ocupam 567 milhões de hectares. Destes 567 milhões, 409 milhões são latifúndios (grandes extensões de terra, acima de 1.000 hectares). Metade das áreas dos latifúndios nada produz. Do outro lado da balança existem 10 milhões de famílias do campo que não possuem terra alguma para tirar dela o seu sustento.

Além destes dados, estes outros fornecidos pelo IBGE ajudam-nos a ter uma visão mais exata do quadro social diretamente ligado à terra:

— 2.603.500 proprietários possuem menos de 10 hectares cada um. Somadas, estas terras totalizam 9 milhões de hectares.

— 2.015.800 proprietários possuem de 10 a 100 hectares cada um, cujas somas alcançam 64,4 milhões de hectares.

— 489.300 proprietários possuem de 100 a 1.000 hectares cada



um, que somam um total de 128,9 milhões de hectares.

— 45.900 proprietários possuem de 1.000 a 10.000 hectares, que juntos totalizam 105,6 milhões de hectares.

— 2.400 proprietários possuem áreas com mais de 10.000 hectares, cujo total alcança os 63,5 milhões de hectares.

Muitos criticam a política agrária quanto à baixa produtividade do minifúndio. Recentemente em Brasília o ministro Nelson Ribeiro, da Reforma e Desenvolvimento Agrário, pronunciou palestra para aproximadamente 80 oficiais do Estado Maior das Forças Armadas onde afirmou: “Temos dados que mostram ser o pequeno produtor quem detém a maioria da produção em alimentos básicos da população brasileira” e que “apenas na soja o latifundiário produz mais do que o pequeno agricultor”.

O Professor Plínio Sampaio cita, na revista *Família Cristã* n.º 595 - julho/85): “Existem no meio rural brasileiro, atualmente, de acordo com o Censo Demográfico de 1980, 3,3 milhões de famílias abaixo da ‘linha de pobreza absoluta’. São famílias cuja renda é insuficiente para adquirir uma quantidade mínima de bens e serviços necessários à manutenção da saúde de seus membros.

Deve-se acrescentar, a estas famílias ‘absolutamente’ pobres do campo, mais 1 milhão de famílias de “bóias-frias”, que são trabalhadores rurais pobres, residentes nas cidades.

É por causa dessa pobreza extrema que as populações rurais emigram. E, enquanto a questão fundiária permanecer em aberto, não serão resolvidos problemas ‘urbanos’ como o da moradia, dos transportes, do saneamento, da violência, do desemprego”.

## O que pensam os bispos

O Presidente José Sarney fez uma visita à Conferência Nacio-

nal dos Bispos do Brasil, CNBB, no dia 25 de junho último. Reuniu-se com onze bispos e com eles discutiu a implantação da reforma agrária.

Dom Ivo Lorscheiter, Presidente da CNBB, ao ser questionado sobre o encontro, disse: “Oferecemos o nosso apoio para que o governo não fraqueje. Queremos ajudar na conscientização do povo. Não se trata de atropelar direitos legítimos; trata-se de democratizar o sentido da propriedade. Não se trata de insuflar conflitos, mas de levar a paz ao homem do campo”.

Posteriormente, conversando com os jornalistas, explicou:

“Quando algum bispo ou algum membro da Comissão Pastoral da Terra diz que a reforma agrária é tímida, não quer dizer que não queiramos que ela se inicie assim da forma que está proposta. Queremos que haja uma viabilidade de início, mas a reforma agrária ideal vai mais longe do que a previsão do estatuto da terra. Nós defendemos o direito de propriedade, mas ele não é uma coisa absoluta. A propriedade tem que ter um sentido social. Está na própria Constituição em vigor. Lembramos a ele que a nova Constituição tem de colocar melhor como se deve assegurar a dimensão social da propriedade privada”.

De uma maneira bem esquemática assim a Folha de São Paulo de 26/6/85 transcreveu o parecer dos bispos sobre a Reforma Agrária e que estavam presentes no encontro com o Presidente José Sarney:

D. Afonso Felipe Gregory, 55 anos, bispo auxiliar do Rio de Janeiro, RJ:

“Ela é urgente e, ao mesmo tempo, importante. Todo o País está consciente da questão fundiária: de um lado, concentração de terras, de outro, os sem-terra. Esta situação é, por si mesma, conflitante e explosiva. Sem uma reforma agrária corajosa, estes

conflitos não encontrarão solução. A não ser pela força”.

D. Albano Cavallin, 55 anos, bispo auxiliar de Curitiba, PR:

“Notei uma firme decisão no encaminhamento da implantação da reforma agrária no Brasil. Uma reforma gradual, progressiva, pois as indústrias das grandes cidades, ao contrário do que pensam muitos, não são obrigadas a responder pela demanda de um País que se volta para a cidade”.

D. Aloísio Sinésio Bohn, 51 anos, bispo de Novo Hamburgo, RS:

“Uma constatação já faz parte da tradição da Igreja brasileira: é impossível que as coisas, no campo, permaneçam como estão. O atual programa proposto pelo governo deve ser entendido como um ponto inicial. Temos que aplaudir e ajudar o governo no momento em que propõe a reforma agrária”.

D. Antônio Celso Queiroz, 52 anos, bispo auxiliar de São Paulo, SP:

“É um dos pontos fundamentais do pacto social. O governo começou onde devia e podia e, com o apoio da sociedade, tem o dever de ir mais além. O Brasil sempre necessitou de uma reforma agrária e ela chegou no momento exato em que achamos o caminho para a reconstrução nacional”.

D. Benedito Ulhoa Vieira, 65 anos, arcebispo de Uberaba, MG:

“O desejo da Igreja é de que a reforma agrária seja feita com coragem e sem violência. Mesmo que o projeto apresentado não seja o ideal, é ponto importante para o início da nova fase do Brasil. Se não houver a reforma, não se pode calcular os riscos sociais dessa omissão. Louvamos o governo que está com coragem de enfrentar as oposições a esta idéia”.

D. Celso José Pinto da Silva, 52 anos, bispo de Vitória da Conquista, BA:

“É impossível o País caminhar sem a reforma agrária. Desejamos e colaboraremos para que esta



*decisão do governo seja eficaz e não sofra recuos, pois é histórica. Está muito claro, através dos meios de comunicação de massa, que há resistências à idéia. O Brasil e os brasileiros necessitam das transformações no campo”.*

**D. David Picão**, 62 anos, bispo de Santos, SP:

*“Esta é uma causa muito antiga e para a qual a Igreja tem contribuído muito, através de estudos e apelos. Não cabe a nós entrar no aspecto técnico mas, sim, ajudar na reflexão. Há o direito de propriedade e sobre isso pesa uma hipoteca social que só a reforma agrária poderá resgatar”.*

**D. Geraldo Majella Agnelo**, 52 anos, arcebispo de Londrina, PR:

*“Ela é necessária. Desejamos que se implante a partir do Estatuto da Terra, gradativamente, levando em conta a consciência do sentido de propriedade. Não se trata de expropriar por expropriar. Não é uma simples divisão de terras. O homem, uma vez estabelecido numa gleba, deve ter condições de sobrevivência”.*

**D. José Ivo Lorscheiter**, 58 anos, bispo de Santa Maria, RS:

*“A reforma agrária é medida imperativa e é necessário que os homens, dentro da democracia, entendam que só há desenvolvimento e paz social quando há oportunidades de trabalho e de integração social”.*

**D. José Martins da Silva**, 49 anos, arcebispo de Porto Velho, RO:

*“A proposta do governo é realista e já foi dado um grande passo inicial, distante da timidez com que se tentou conotar o anúncio oficial. Rondônia poderia ser o exemplo, com os lotes distribuídos ao trabalhador sem terra ao invés facilitados para a implantação de grandes fazendas”.*

**D. Luciano Pedro Mendes de Almeida**, 55 anos, bispo auxiliar de São Paulo, SP:

*“Ela é indispensável e, atualmente, deve ser progressiva, evitando as*

*reações violentas e irracionais. Para sua implantação, deverá obter a contribuição dos trabalhadores rurais. Devem ser superadas as dependências ideológicas, visando, sempre, a melhoria das condições de vida dos trabalhadores do campo”.*

## Reforma para o coração

A nossa mentalidade e o nosso coração também necessitam de reforma e transformação. Diante de tantos seres humanos, filhos de Deus que padecem e sofrem em consequência do egoísmo humano, e não raro alicerçado em leis, mais do que urgente se faz dar ouvidos à Palavra de Deus, que alerta, orienta, esclarece e anima.

Deus é o único Senhor absoluto de todas as coisas, nós seres humanos somos relativos, administradores:

“De Javé é a terra e o que nela existe, o mundo e os seus habitantes” (Sl 24,1-2);

“Teu é o céu, e a terra te pertence, fundaste o mundo e o que nele existe” (Sl 89,12);

“Vê: é a Javé teu Deus que pertencem os céus e os céus dos céus, a terra e tudo o que nela existe” (Deut 10,14);

“Agora, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar, entre todos os homens, porque toda a terra é minha” (Ex 19,5);

“Assim diz Javé: o céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés (Is 66,1-2);

“... a terra e tudo o que ela contém, pertencem ao Senhor”... (1 Cor 10,26);

“Quem possuir bens deste mundo e vir o seu irmão sofrer necessidade, mas lhe fechar o seu coração, como pode estar nele o amor de Deus? (1 Jo 3,17).

É somente com espírito e ação fraternos que se conseguirá ter verdadeira justiça e paz no Brasil.

## SIM, EU TAMBÉM VOU SER PADRE



Para me consagrar ao serviço do Reino de Deus, que é verdade, justiça, paz, amor, fraternidade e alegria

Para tomar a defesa dos marginalizados, dos sem fé, sem amor, sem esperança, sem liberdade, sem justiça, sem comida, sem casa, sem escola, sem saúde, sem emprego, sem voz, sem vez, sem presente e sem futuro.

Para me dedicar à salvação do homem inteiro e de todos os homens, meus irmãos.

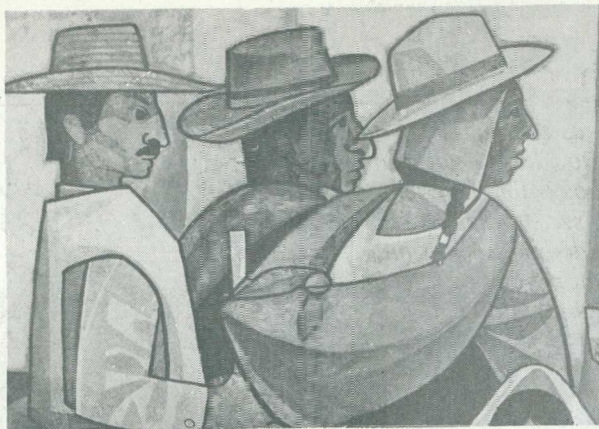
Você está pensando como esse jovem? Então, junte-se a nós porque ele já é um dos nossos.

**PADRES DE SION**

**INFORMAÇÕES**

Secretariado Vocacional de Sion  
Rua Linc Coutinho, 444  
Fone: (011) 63-7489  
04207 - São Paulo, SP





## A urgência da reforma agrária

**É em vistas à construção de uma sociedade justa e fraterna que a Igreja Católica não pode omitir-se no processo político que visa a superação da violência institucionalizada na ordem sócio-econômica e política.**

**D**om Mauro Morelli, bispo em Duque de Caxias e São João de Meriti, RJ, escreveu um artigo na Revista Veja (edição da 1ª semana de julho) no qual nos situa diante do problema da reforma agrária. Inicia o artigo mostrando o confronto político e pacífico entre o regime imposto em 1964 e a mobilização por 20 anos depois.

“Vivemos um novo momento político resultante de duas vertentes paralelas: um desdobramento estratégico do regime imposto à nação com o golpe de Estado, em 1964, e uma abertura conquistada pela resistência cívica dos cidadãos deste País, principalmente os trabalhadores rurais e urbanos. Essa transição política coloca a nação numa encruzilhada histórica de grande risco e beleza. Vivemos a oportunidade inédita de uma revolução social pela via pacífica.

Isso poderá concretizar-se através de um amplo diálogo nacional que se consubstancie numa Assembleia Nacional Constituinte livre, soberana e democraticamente eleita. Por essa via, o país terá uma Constituição que nos transforme em Estado democrá-

tico, alicerçado nos postulados da igualdade e da participação. Mantendo-se a atual ordem sócio-econômica e política, corremos o risco de uma explosão social violenta, cujas principais vítimas serão os pobres e as crianças. Meias-medidas e reformas periféricas não corrigirão os males que nos atormentam”.

As aspirações para um Brasil melhor para todos os brasileiros têm sido uma força tanto nos meios políticos quanto no seio da população. Particularmente entre as populações mais pobres ligadas à área agrícola.

“É o caso da questão da terra no Brasil, escreve Dom Mauro. A posse e o uso da terra pedem uma solução inadiável e compatível com a dignidade humana e o valor dos trabalhadores. É inaceitável que a terra se tenha transformado em objeto de especulação, fonte de opressão e miséria. A atual estrutura fundiária do país é, inegavelmente, responsável por fenômenos como a migração forçada, a violência no campo, o desemprego, a queda na produção de alimentos e o inchaço das cidades, entre outros males.

O projeto de reforma agrária proposto pelo governo da transição é moderado e liberal, mas, apesar de sua inspiração capitalista, certamente apresentará benefícios. Aumentará, por exemplo, a oferta de alimentos no mercado interno e a demanda de produtos industrializados. A presença de latifúndios cria sérios entraves ao modelo capitalista vigente. A redução da mão-de-obra barata e o fortalecimento do poder de barganha dos trabalhadores, como consequência lógica da reforma agrária, explicam as reações de alguns empresários

e industriais acostumados a explorar a força de trabalho — embora, a médio e longo prazos, também venham a colher seus benefícios”.

No Brasil são milhões de pessoas que dependem diretamente de um mínimo de terra para sobreviver; por isso, este processo de reforma não pode ser lerdado, o êxito dependerá de uma implantação justa mas acelerada.

“O ritmo de implantação deverá ser acelerado, reduzindo-se o prazo de quinze para cinco anos — só assim se tornará viável a paz social almejada pelos governantes. Uma nova política agrícola deverá subsidiar os pequenos proprietários. Os latifúndios que a partir de 1978, seguindo orientação da Sociedade Nacional de Agricultura, transformaram-se graças a um processo de burla em ‘empresas’ agrícolas, devem retornar à sua real condição.

A situação das empresas açucareiras ineficientes e falidas, por exemplo, atenta contra a economia nacional e os interesses e direitos dos trabalhadores. Sua transformação em cooperativas de produção entregues aos próprios trabalhadores será a solução justa e adequada. Levando-se em conta os subsídios concedidos como privilégio e os elevados custos sociais dos latifúndios, as indenizações deverão observar o valor declarado para efeito do Imposto Territorial Rural. Os conflitos de terra, que envolvem, atualmente, quase meio milhão de brasileiros, não poderão ser tratados como caso de polícia”.

Neste processo complexo por causa das várias tensões ideológicas existentes não podem ser esquecidas prioridades morais sem as quais seriam agravados os problemas sociais que já são imensos.

“Vou mais longe: um pacto social que não proclame e garanta a primazia do trabalho e do trabalho sobre o lucro e o capital não eliminará a miséria, a marginalização e a violência. Uma ordem econômica alicerçada no capital e no lucro é matriz de violência e de morte. Neste momento de transição e de novos rumos, é importante recordar alguns pontos básicos a que o papa João Paulo II se referiu em sua visita ao Brasil, em 1980. Não é lícita a apropriação da terra em benefício de uns poucos e em detrimento da imensa maioria. A propriedade é legítima



quando cumpre sua finalidade social. O êxodo rural, como se apresenta, é um atentado à dignidade da pessoa humana”.

A justiça e a fraternidade sempre serão a força que dinamiza a comunidade cristã; por isso a Igreja Católica também deve posicionar-se diante do momento histórico que vivemos.

“Parte integrante da nação, a Igreja Católica não pode eximir-se de responsabilidade pelas causas que geraram a atual crise brasileira. Não pode omitir-se no processo político que visa à superação da violência institucionalizada na ordem sócio-econômica e política. Os compromissos assumidos pela XVIII Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, firmados no documento “Igreja e Problemas da Terra”, continuam merecendo fidelidade e dedicação. Da mesma forma, as “Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil” devem animar os membros da Igreja na ação evangelizadora que ofereça inspiração, alento e contribuição à construção de uma sociedade justa e fraterna”.

O homem católico que faz parte integrante de uma família de fé não deve sentir-se desarticulado desse processo, mas comprometido com a causa do seu próprio povo. D. Mauro termina enfatizando a importância da perseverança e que é de mãos dadas com todos os homens de boa vontade e que amam a verdade, a liberdade e a justiça, que se caminha para um Brasil novo.

“A progressiva conversão da Igreja à verdade, à justiça e às exigências concretas da fraternidade, evidenciada nos anos em que o terror assaltou a nação brasileira, não pode conhecer trégua ou esmorecimento neste tempo de transição política. Assim como ontem mortes, calúnias, discriminação e outras manifestações do poder do arbítrio não impediram o testemunho de cristãos comprometidos com a defesa dos índios, agricultores, posseiros e trabalhadores, da mesma forma, hoje, elogios, prestígio e partilha do poder não devem minar o compromisso com as mesmas causas e com o mesmo povo, ainda espectador e marginalizado. Em parceria com todos os amantes da justiça, da liberdade e da paz, devemos caminhar para fazer nova a República”.

## NOTA DE APOIO

### À REFORMA AGRÁRIA

Por ocasião do encerramento do XI Congresso Eucarístico Nacional, 96 bispos presentes assinaram a seguinte nota de apoio à reforma agrária:

*“Bispos católicos, provenientes de todas as regiões do Brasil, participando, em Aparecida, do XI Congresso Eucarístico Nacional que trata da fome, sentimos-nos levados a falar ao povo e às autoridades, em sintonia com os mais vivos anseios de milhões de brasileiros, espalhados por todas as nossas paróquias e comunidades eclesiais de base.*

*Em oração, no Santuário Nacional de Maria, diante de Deus, aos pés de Jesus Cristo na Eucaristia, lamentando profundamente que, por egoísmo e má distribuição da terra, neste imenso e querido Brasil, milhões de famílias passem fome, rogamos, confiantes, ao Senhor: “Pão para quem tem fome”.*

*Reafirmamos a necessidade e urgência de uma Reforma Agrária, justa, ampla, pacífica e corajosa, conforme os documentos da CNBB — “Igreja e Problema da Terra” e “Nordeste: desafio à ação pastoral da Igreja no Brasil”.*

*Apoiamos, unidos, a execução imediata do projeto de Reforma Agrária do Governo Federal, em cumprimento do Estatuto da Terra, ainda de 1964, através do Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário, saldando compromisso assumido, em praça pública, com o povo brasileiro e superando resistências infundadas.*

*Conclamamos confiadamente todos os brasileiros ao diálogo objetivo e sereno, em torno da implantação da reforma agrária, a fim de cumprirmos o desígnio de Deus e vencer em nosso país a ganância, a opressão e a violência.*

*Insistimos, a partir de valores éticos e religiosos, como justiça social e solidariedade fraterna, em que, sem reforma agrária, não haverá, neste País, verdadeira paz.*

*Acreditamos que a reforma agrária acompanhada de política agrícola adequada e de outras indispensáveis medidas complementares, será também excelente saída, tanto para a crise política, econômica e social que vivemos, como para a fome vergonhosa que padece a maioria de nossa gente. Pois, por descentralizar a propriedade, a renda e o poder, firmará a nossa democracia. Aumentará a produtividade e a oferta de alimentos para o consumo interno, baixando a inflação e o custo de vida. Proporcionará mais empregos e evitará o êxodo rural. Impedirá as invasões precipitadas no campo, a inchação das cidades, diminuindo a violência urbana. Remediará a própria recessão, ampliando o mercado consumidor interno.*

*Suplicando ao Cristo, Pão vivo descido do céu, que a ninguém falte o pão na terra, rogamos, por intercessão de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, as mais abundantes bênçãos para o povo brasileiro, a fim também de entenderem todos que a terra é de Deus, que a criou, para uso e benefício de toda a humanidade: “Terra de Deus, terra de irmãos”.*

*Aparecida, 19 de julho de 1985.*



# Ser leigo: vocação e missão

José Cristo Rey Garcia Paredes

(José Cristo Rey Paredes é sacerdote claretiano, professor do "Studium Theologicum" de Curitiba, PR).



*Chegou o momento de dividir responsabilidades e culpas! Não culpemos, exclusivamente, o clero, a hierarquia ou os religiosos por todos os males da Igreja. Os leigos devem reagir contra um imperialismo, provocado, porém decerto muitas vezes demasiado comodamente aceito.*

## 1. A HERANÇA DO PASSADO

Salvo honrosas exceções, em algumas Igrejas locais, julgo que o laicato no Povo de Deus tem um preocupante complexo de inferioridade. Depois de 20 anos de pós-Concílio Vaticano II, clamamos com força

por um laicato cristãmente maduro; porém, deparamos com uma massa de crentes, que tem vivido sob a tutela paternalista do clero e dos religiosos em geral, que se vê oprimida, manipulada, despojada de vários de seus direitos fundamentais na Igreja.

A vida do cristão-no-mundo era considerada constitutivamente im-

perfeita: o crente simples não podia passar sem mais nem menos do seu estado à perfeição da vida evangélica, senão à base de concessões de uma santidade localizada na Vida Religiosa ou na existência sacerdotal. O infantilismo que adocece nosso povo cristão é expressão de um raquitismo talvez inconscientemente intencional no qual tem sido educado na fé.

Por que se calou neles a idéia e a vivência de sua responsabilidade eclesial?

Por que sua co-participação na vida da Igreja se reduz à simples assistência aos ritos sacramentais?

Por que a Palavra de Deus é uma voz apenas ouvida e atuada, como uma melodia alheia, que ressoa nos conventos ou nas conversações dos "profissionais da santidade", religiosos e sacerdotes?

## 2. VOCAÇÃO DE LEIGO

Os novos tempos exigem o que qualificaria como a "revolução do povo cristão". Porém, talvez por interesses inconscientes o laicato julga demasiado comprometedor implicar-se numa rebelião, da qual sairia muito responsabilizado e mais desinstalado; ainda que esta crise deva ser provocada para pôr em alerta e em estado de emergência todos aqueles que julgam a Igreja uma realidade viva a que pertencem. Cada vez se torna menos sustentável a carga de evangelização e renovação cristã que pesa sobre os chamados ao sacerdócio e à Vida Religiosa. Creio que o problema da Igreja não reside tanto na escassez de vocações sacerdotais e religiosas, quanto na falta de um laicato maduro na fé. Na Igreja existe uma vocação e um carisma que devem ser urgentemente descobertos em toda a sua profundidade: A VOCAÇÃO DO LEIGO CRISTÃO.

Esta vocação tem seu início no acontecimento sacramental do batismo e faz o batizado experimentar sua solidariedade com a fé de todos aqueles que formam parte do Povo,



sua responsabilidade pela vocação e promoção na fé dos mais fracos dentro da comunidade crente. O minimalismo com que se interpretam as exigências do Evangelho para o fiel cristão-no-mundo é uma afronta ao Evangelho e às exigências radicais que Jesus expôs a todos aqueles que quiseram segui-lo através dos séculos.

### 3. FUNÇÃO INSUBSTITUÍVEL DO LEIGO

A Igreja atual tem adquirido consciência do posto imprescindível do laicato na realização de sua mesma existência. A fé, como constitutivo essencial do povo crente, não é unicamente um sentimento interior e individualista de adesão à verdade revelada, ou proposta pela hierarquia; A FÉ É, ADEMAIS, CONFISSÃO, PROCLAMAÇÃO PÚBLICA, DIANTE DOS HOMENS, DA VERDADE DE DEUS.

O leigo cristão crê e confessa publicamente sua fé em Jesus Cristo, implicando seu reconhecimento da existência e presença de Cristo no mundo. A fantasia criadora, o traba-

lho cansativo da família, o estado para o progresso da humanidade, etc., são modos concretos de confessar a fé no Cristo que se encarnou no mundo para dar-lhe sentido e uma finalidade; porém, conquanto toda realidade humana seja sempre vivida no Senhor. O leigo tem sido também chamado por Jesus a seu seguimento, mas de um modo peculiar. *A vocação do leigo tem como fim tornar presente em nosso mundo o mistério da encarnação de Cristo e da presença de Deus entre os homens.*

Pergunta-se muitas vezes com perplexidade: se o laicato respondesse à sua vocação, estariam Deus, Jesus e a Igreja desapegados de nosso mundo secularizado? Com demasiada facilidade os leigos criticam sacerdotes e religiosos pela defasagem religiosa de nossa sociedade. Porém, sua crítica não os impede de reconhecer que têm uma função peculiar e insubstituível na Igreja. A crise da família, a crise de uma política baseada nos valores essenciais do Evangelho, a desintegração das comunidades cristãs locais, a pouca solidariedade de umas Igrejas junto ao subdesenvolvimento e marginaliza-

ção de outras; não constitui tudo isto o expoente autorizado de um laicato que se encontra à margem da genuína vivência cristã do Evangelho? Não são expressões de um individualismo que impossibilita toda convocação autenticamente comunitária?

Chegou o momento de repartir responsabilidades e culpas! Não culpemos exclusivamente o clero, a hierarquia ou os religiosos por todos os males da Igreja. Os leigos devem reagir contra um infantilismo talvez provocado, porém, decerto muitas vezes demasiado comodamente aceito.

Chegou o momento no qual o leigo cristão se reconhecerá a si mesmo em todo o Evangelho. Escutará como dirigidas a si todas as exigências radicais de Jesus, a seguir-lhe a mão, o pé, abandonando riquezas ou família, reconhecendo como valor absoluto o Reino de Deus, que está presente, mas que todavia está por vir. O leigo reconhecerá que está existencialmente chamado a dedicar-se ao estudo assíduo da pessoa de Jesus para "comer o manjar sólido dos adultos" (Heb 5,14) e expressar ante os homens o projeto de vida do mesmo Jesus.

### OPINIÃO DOS LEITORES

A cada dois meses a Revista AVE MARIA publica artigos, cujas cópias são antecipadamente enviadas a alguns assinantes representativos da Revista. As respostas às questões sobre o tema do artigo serão computadas, bem como um resumo dos comentários e opiniões. Os leitores que só agora estão lendo o artigo e, contudo, também desejarem opinar sobre o mesmo, devem escrever para a REDAÇÃO, e suas opiniões serão publicadas no próximo número da Revista. Os interessados em receber os artigos antecipadamente também podem escrever-nos, solicitando cópias.

Os leitores que receberam antecipadamente o artigo "Ser leigo: vocação e missão" assim se expressaram diante das 8 questões:

#### QUESTÕES

1. Sendo leigo, você se acha oprimido pelo clero e pelos religiosos?

SIM 9,5% NÃO 90,4% INDIFERENTE 0,0%

2. Na comunidade onde você vive e participa, têm os leigos a sua vez nas decisões paroquiais e pastorais?

SIM 90,4% NÃO 9,5% INDIFERENTE 0,0%

3. Você reduz a sua participação à simples assistência aos ritos litúrgicos e sacramentais por vontade própria?

SIM 47,6% NÃO 52,3% INDIFERENTE 0,0%

4. Se o seu pároco lhe desse oportunidade, você teria coragem de assumir um trabalho em sua comunidade?

SIM 80,9% NÃO 14,2% INDIFERENTE 4,7%

5. Você concorda que o leigo deve assumir sua vocação no seguimento de Cristo, assim como assumem os sacerdotes e religiosos?

SIM 100% NÃO 0,0% INDIFERENTE 0,0%

6. Você já se sentiu chamado(a) a tornar presente em nosso mundo o mistério de encarnação de Cristo e da presença de Deus entre os homens?

SIM 80,9% NÃO 14,2% INDIFERENTE 4,7%

7. A pouca seriedade com que muitos cristãos assumem sua fé, é culpa somente dos padres e religiosos?

SIM 0,0% NÃO 100% INDIFERENTE 0,0%

8. Você gostaria de receber informações sobre os LEIGOS CLARETIANOS: sua espiritualidade, seu apostolado e sua vida, livre e alegre, de compromisso com o Evangelho?

SIM 90,4% NÃO 9,5% INDIFERENTE 0,0%

As respostas foram dadas por 71,4% de mulheres e 28,5% de homens.





## COMENTÁRIOS

“O meu comentário sobre o texto é o seguinte:

### SER LEIGO: VOCAÇÃO E MISSÃO

Estou plenamente de acordo com o que o sr. escreve e não creio estarmos sendo manipulados e oprimidos.

Somos a maior nação católica do mundo, e não assumimos a nossa fé.

Na Igreja do Brasil precisamos urgentemente de leigos maduros que assumam sua fé dentro das igrejas e fora delas, na política, na empresa, família e sociedade. Mas, quem vai formar e orientar o leigo, para assumir o seu papel? Dependerá de novo do clero? Será que o clero deixa o laicato ter a sua própria opinião?

As dificuldades não serão poucas. A maioria dos católicos nem freqüentam suas igrejas. Não sabem distinguir entre sua igreja e outras. Se têm algum problema: freqüentam espiritismo, ignoram o que a Igreja ensina na sua doutrina social e política. Muitos ficam calados para não apanharem mais.

Nós todos fomos educados na obediência e na submissão: quem mandava era o clero. Não aprendemos a assumir as nossas próprias decisões; aprendemos dependência de criança e não a responsabilidade de gente madura que participa de voz própria da vida da Igreja e da sociedade.

### VOCAÇÃO À VIDA RELIGIOSA DO LEIGO:

A vocação é um convite que Deus faz à pessoa a expressar concretamente a sua fé. Deus dá uma vocação a todos porque sabe que pelo seu exercício o homem oferece ao irmão seus dons, gesto de doação indispensável ao crescimento do doador e ao de quem recebe. O Pai convoca, pela vocação, o filho a multiplicar seus talentos, comunicando-os aos irmãos para que todos alcancem o desenvolvimento a que são chamados.

À semelhança do ventre que gesta e esconde o filho, a vocação é a morada da personalidade.

Esperando-os (leigos), amanhã, já superados de sua indecisão...”

“Sobre as 8 questões a minha opinião é a seguinte:

*Primeira:* creio não estarmos sendo manipulados pelo clero. A liturgia, ou melhor, a ação do povo em favor do povo deve ser participada pelo leigo.

*Segunda:* o fato de a pessoa apenas assistir, com fervor, fé e piedade de coração já é participar dos ritos. De outro lado, temos os ministros que, como leigos, formam o conselho paroquial das obras da diocese. A vocação do leigo já é uma realidade.

*Terceira:* primeiro não me limito apenas a assistir. Eu procuro participar até o limite de minha posição de leigo.

Agora o cristão, de modo geral, gosta de fugir das suas responsabilidades. Não se instrui e se afasta. Resultado: afastado, sente falta de algo que o complete. Culpa o clero e sai por aí desorientado. Depois, querem repartir responsabilidade e culpa? Vamos conscientizar-nos. Na Igreja de Deus, somos um povo reunido num só e único corpo, onde cada qual é um membro deste corpo, sendo um importante quanto o outro e, em lugar próprio, beneficiando-se mutuamente.

*Quarta:* claro que sim.

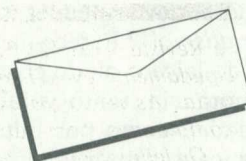
*Quinta:* o leigo tem o dever de assumir sua vocação. Vocação religiosa quando aprofundada, todos a têm, e é linda.

*Sexta:* sim. E tenho consciência da responsabilidade. Creio ser maior que eu. Tenho procurado uma luz, um ponto de apoio. Todos nós somos chamados à santidade, e é duro. “Dentro de um grande santo convive um grande demônio. Os pináculos da santidade contracenam com os abismos da humana fragilidade. As virtudes são emittentes porque as tentações vencidas foram grandes. Não se bebe a santidade como se bebe o leite materno. Por detrás do santo se esconde um homem que conheceu os abismos humanos e a vertigem do pecado”

*Sétima:* a culpa é do próprio cristão, que não tem ou não quer ter consciência do seu ato de fé. Não deve se culpar o clero. É comum se ver pessoas rindo e conversando em procissões ou dormindo ou lendo durante os sermões. Apenas acompanham com os pés? Vão lá apenas para dizer que “Ele está no meio de nós?” É melhor uma obra bem-feita, que 40 inacabadas.

*Oitava:* gostaria de receber, sim, informações dos leigos claretianos. Que precisa mudar alguma coisa dentro da Igreja, isso precisa. Começemos pela cabeça do povo; e me refiro à cabeça mesmo de carne e osso, com cabelos ou não”.

Rinaldo Maciel de Freitas, 24 anos,  
(publicitário; catequista) Divinópolis, MG.



“Sobre o artigo apresentado, quero expor minha opinião em 3 tópicos:

1 — Acredito que por falta de maturidade na fé, hoje, ainda encontramos muitos cristãos que pensam que a prática religiosa é só para os padres e as freiras.

Também creio que em algumas Igrejas não existe aquela preocupação que deveria caracterizar todos os sacerdotes que é o do engajamento e participação do leigo em sua paróquia, pois muitas comunidades paroquiais queixam-se de seu pároco neste sentido e vão assim tornando mais difícil o que de um modo geral já o é. Quando visito uma comunidade em que o padre toma a frente e se empenha na participação e vida dos paroquianos na Igreja, noto que a mesma responde positivamente a seu apelo. É claro que existem e existirão sempre os “instalados”, mas, como a semente que cai frutifica sempre nos corações, muitas vezes estes estão à espera de um convite e mesmo de uma convocação do seu pastor.



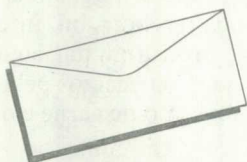
2 — O segundo tópico que nos fala da *Vocação do Leigo* é muito importante e eu gostaria de dizer alguma coisa sobre o mesmo, pois o faço constantemente nas palestras de batismo de minha paróquia.

Creio que deveria ser feita uma campanha hoje na Igreja a fim de esclarecer melhor o laicato, pois muitos cristãos, mesmo os enganados, não sabem da importância do leigo na Igreja. Acho mesmo que esta campanha deveria ser dos moldes e ressonâncias comparadas às campanhas de vocações sacerdotais. Creio que assim o cristão não enganado, e mesmo o que participa ativamente de sua paróquia, teria mais um motivo de participação e agora, devidamente esclarecido, caminharia ao lado do seu pároco.

3 — Considero que a vocação leiga é muito importante diante do papel que ela representa — a presença de Deus entre os homens — e dos testemunhos do cristão na sociedade da Igreja. Como membro vivo do Corpo de Cristo, ele é chamado a participar junto com seu sacerdote dos trabalhos paroquiais e assim crescer numa diocese que hoje em dia, com todas as pastorais existentes, podemos mesmo dizer que o cristão engajado encontraria um universo sem fim para seu aprimoramento religioso.

E poderia, quem sabe, dizer no fim de sua existência, quando já estiver bem velhinho e quando, num andar trôpego e cansado: “Travei o bom combate, venci a peleja e pronto estou a receber a coroa que me está reservada por Cristo Nosso Senhor”.

João Batista Garcia Costa, 54 anos, Vista Alegre, RJ.



“Minhas observações reativas ao artigo  
“SER LEIGO: VOCAÇÃO E MISSÃO”:

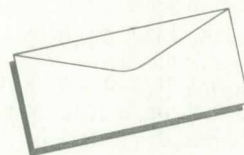
*Pergunto:* O que se deve entender, no caso, *por reagir* contra “um *imperialismo*”? Parece-me que o “complexo de inferioridade” do laicato ou do cristão leigo se deve a vários fatores: ignorância, tanto voluntária (por comodismo ou passividade), como por falta de instrução ou catequese religiosa, causada por falta de sacerdotes (principalmente que dediquem seu tempo *integral* à sua sagrada missão), professores catequistas devidamente preparados para tal, leigos, sacerdotes ou religiosos; organização e efetivação permanente da catequese, inteligentemente motivada, nas paróquias, colégios particulares e públicos (nos termos da Constituição Federal).

*Pergunto:* O que se deve entender por “massa de crentes... oprimida, manipulada, despojada de vários de seus *direitos fundamentais na Igreja*”? E seus deveres?... A meu ver, o “*infantilismo*” de grande parte do povo cristão se deve aos fatores acima apontados. Principalmente, tendo-se em vista a quase completa falta de oportunidade da necessária *continuação* (de forma cada vez *mais adulta*) da catequese dos batizados, após sua (muitas vezes bastante infantil) preparação para a primeira comunhão; ou rudimentar preparação para a confirmação ou casamento religioso (quando houver...). Tudo isso, senão, aos poucos abandonados os princípios reli-

giosos mal assimilados e o conseqüente abandono da prática da religião, também se deve ainda não só aos fatores acima, como também à falta de continuidade, por parte de muitos sacerdotes, que se preocupam, talvez, mais com a “sacramentalidade” da fé, do que com a assimilação desta em *todo* o comportamento (na Igreja e fora dela) do cristão. Haja vista a quantidade de “ministros” e “ministras” da Eucaristia e outros participantes na liturgia da santa missa (todos muito úteis, naturalmente), mas quase todos atuantes na “sacramentalidade” (aliás, importantíssima, sempre), sem que haja, além disso, instrução religiosa permanente do povo cristão, ou seja (cf. “CATHECHESI TRADENDAE) uma verdadeira catequese. Também se nota bastante, nos sermões dominicais, pouca preocupação (é o que parece) em *advertir, seriamente*, o povo, no cumprimento de *todos* os deveres dos cristãos: frequência e participação na santa missa, inclusive a comunhão; confissão sacramental; deveres de estado; observação da doutrina da Igreja quanto à castidade; indissolubilidade do matrimônio; aborto; métodos anticoncepcionais ilícitos; bem como o cumprimento não só dos dez mandamentos de Deus, como também dos cinco da Igreja. Deveria haver, também, permanentes campanhas contra a incrível permissividade dos costumes; não só no que diz respeito aos furtos e roubos de toda a espécie, à necessidade urgente da reforma agrária, nos termos dos ensinamentos da Igreja, às justas e necessárias reformas sociais e econômicas, mas também quanto à moral sexual, ou melhor, imoralidade sexual..., que prolifera em todos os meios de comunicação, sem qualquer censura, especialmente em jornais e revistas, rádios e televisão, novelas, anedotas, programas mais do que picantes, canções, etc. etc. Aliás, *acabar com o medo* de ser “*moralista*” ou “*conservador*”, como se tais termos fossem vergonhosos. Enfim: substituir o triste *minimalismo*, por ensinamentos que levem o cristão à conscientização da necessidade do sacrifício, da coragem, mostrando-se que é na cotidiana prática da virtude que se encontra a verdadeira santidade (ao par daquela que se procura, também, nos conventos e na vida religiosa).

Creio poder atestar minha confiança, principalmente na mocidade, que, como se sabe, já está ficando farta de tanto “liberalismo” e procura, nos últimos anos, voltar-se aos verdadeiros valores, disposta ao sacrifício exigido pelos princípios verdadeiramente cristãos. É o que venho observando nos meus cinquenta anos de catequese, em várias faixas de idade”.

Egberto Guido Becker, 71 anos  
(Advogado, professor de Direito) Porto Alegre, RS.



“Recebi o artigo “*Ser Leigo: Vocação e Missão*”:

Depois de lido por mais de uma vez, achei-o um tanto estranho e não deu para saber qual o objetivo dele. Será para uma Igreja renovada? ou melhor, para a teologia da libertação? Na minha modesta opinião, acho que o povo brasileiro ainda não está bem conscientizado para partici-



par dessa teologia. Assim, só um número reduzido de leigos poderia tomar parte. Ainda não assisti a nenhuma palestra a respeito, nem estive em nenhuma comunidade, mas soube, por pessoas que estão participando e assistiram a palestras, que não estão entendendo bem; por isso, algumas destas pessoas nem freqüentam mais a Igreja e já modificaram seu tratamento com seus familiares.

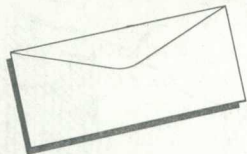
Em alguns pontos, culpam o leigo, ou menor, os cristãos de não tomarem parte ativa nos assuntos da Igreja. A culpa não é deles, pois nunca foi possível tal participação, a não ser para os membros da comunidade. O povo nunca foi questionado e muitas vezes, quando precisa de algum conselho, procura pelos padres e muitas vezes nem é atendido.

Assistimos a certos sermões ou melhor... na hora da homilia, não estou generalizando, certos padres não fazem a reflexão, nem orientam os fiéis sobre as leituras ou sobre o Evangelho: são mais palestras sociais ou políticas que não interessam à maioria das pessoas que estão presentes.

Acho que o cristão está precisando mais de ensinamentos religiosos, conhecer a Bíblia, pois muitos nunca viram uma. Isto é uma pena, pois dela podemos tirar tantos ensinamentos para a vida diária, que dia a dia está cada vez mais difícil”.

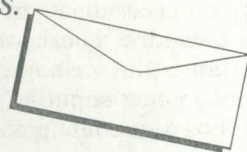
“Quanto à 5.<sup>a</sup> questão, minha resposta é SIM: Acho que o leigo bem instruído, com boa formação religiosa, com compreensão, com uma vocação bem sólida e não por conveniência, por entusiasmo, deve assumir sua vocação no seguimento de Cristo, ainda mais que há tanta falta de sacerdotes em certos locais que não precisam ser muito distantes. Nas periferias das cidades grandes há falta de padres para rezarem missas aos domingos ou mesmo para outros serviços da Igreja”.

*Sylvia F. S. Piza, 55 anos (professora) Campinas, SP.*



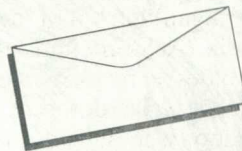
“Sempre tive vontade de fazer algo pelo reino de nosso Senhor Jesus Cristo e pelos meus irmãos em Cristo, e depois do Vaticano II surgiu a oportunidade com que eu sempre sonhei. Fui convidada para entrar na Legião de Maria da cidade de Canoas onde eu residia com minha santa mãe Amábilia Guimarães Rodrigues, falecida em 1982 com 88 anos. Ela foi assinante desta querida Revista há mais de 50 anos. Como Legionária de Maria, trabalhei 12 anos fazendo apostolado leigo, visitando as famílias e doentes em hospitais, e sei perfeitamente o bem que um leigo pode fazer e deve fazer pelo próximo pelo amor a Cristo. Sempre com minhas irmãs da Legião de Maria tivemos muito apoio dos sacerdotes. Acho que todo cristão que puder deve tomar parte em algum trabalho apostólico”.

*Eralina G. Rodrigues, 71 anos (modista) Porto Alegre, RS.*



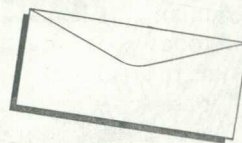
“Assumo a minha participação da seguinte maneira: Eu trabalho sempre em cursos de noivos, encontro de casais, jornadas, pastoral de saúde e sou ministro da Eucaristia em minha paróquia”.

*Luiz Pinho de O. Brochado, 62 anos, Caxambu, MG.*



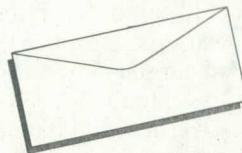
“Os leigos têm sua vez nas decisões, sim, mas o vigário ainda fica com a decisão final, porque o leigo ainda não se acha devidamente capacitado para tanto. Felizmente o leigo aqui em nosso meio já está participando bem mais, porque até então a função dele era meramente de um espectador”.

*M. Isabel Costa (enfermeira) Grajaú, MA.*



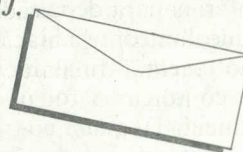
“Com muita satisfação que recebi das mãos de uma amiga minha esta carta com estas perguntas, pedindo para eu responder. Considero-me uma leiga que já assume seu trabalho na comunidade. Apesar de ser casada, mãe de 3 filhos, eu faço o trabalho todo de minha casa, ainda ajudo muito na minha comunidade. Eu ajudo na liturgia da missa, faço parte da Renovação Carismática e sou do Apostolado da Oração. Na Renovação nós assumimos o Apostolado com os doentes. Toda semana vamos ao hospital rezar com os doentes. Na paróquia assumimos a pastoral em conjunto. Formamos grupos nas ruas e de dois em dois meses fazemos estes encontros orientados pelos livrinhos de pastoral. De dois em dois meses temos reunião com nosso vigário e ele nos dá muito apoio. Gostaria que vocês mandassem informações sobre os Leigos Claretianos”.

*Vicentina, 43 anos, (dona-de-casa) Formiga, MG.*

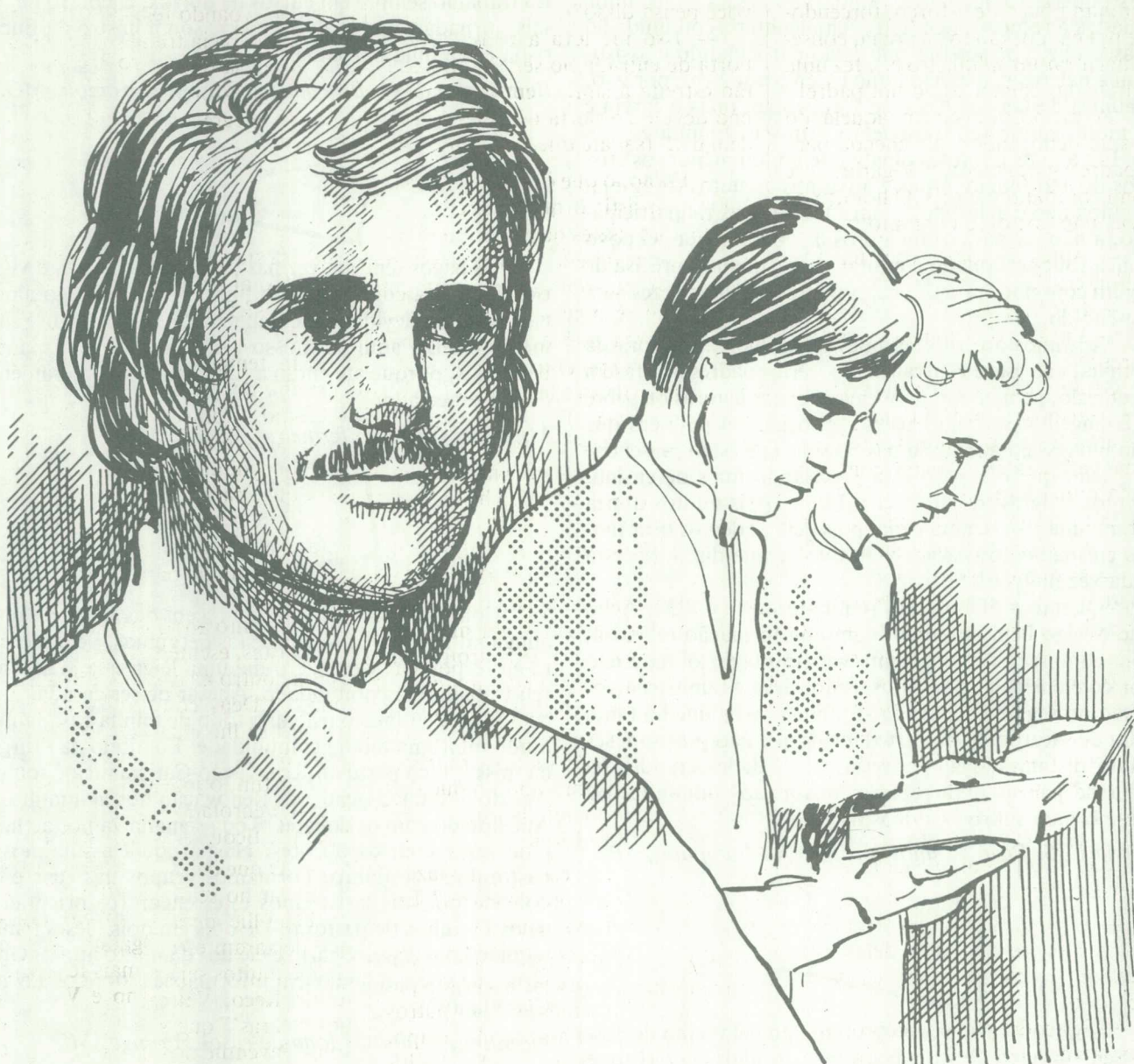


“A todos os leigos, portanto, incumbe o preclaro ônus de trabalhar para que o plano divino de salvação atinja sempre mais a todos os homens de todos os tempos e de todos os lugares da terra. Conseqüentemente, sejam-lhes dadas amplas oportunidades para que também participem ativamente da obra salvífica da Igreja, de acordo com suas forças e as necessidades dos tempos” (*Lumen Gentium*, 33). Eis aí o tempo, a necessidade...

*Francisco Claret Vaz, 67 anos, (médico) Rio de Janeiro, RJ.*







## O que devo fazer para ser padre?

Hilário Cristofolini

Ser padre não é profissão.  
Ser padre é uma vocação.  
Logo, ser padre é um dom de Deus.

Contei-lhe, então, esta história: Era uma vez uma raposa que... (Parem com isso, meus amigos! Deixem os comentários para depois. Permitam agora que lhes conte a história que contei ao jovem. Afinal de contas, quem me contou isso foi o padre Túlio Martinelli. E, quem co-

nhece o Túlio, sabe que ele não é de contar "abobrinha". E mais: já contei isso na igreja do padre Vicente, por ocasião do sétimo aniversário de sacerdócio do Cláudio, ambos missionários do PIME. Isso foi lá em Sertanópolis (PR), em junho, e até hoje há gente pensando na moral da

história! Vocês duvidam? Então, vamos a ela):

Era uma vez uma raposa que passou uns dias rodeando um galinheiro, doida para entrar e fazer a festa; mas, como entrar, se o único buraco que encontrou era muito estreito e não dava para a danada passar? Pensou, pensou, e, por fim, "pintou" uma idéia na cabeça da raposa: fazer um regime, emagrecer barbaridade, até poder se enfiar pelo buraquinho. Foi o que fez: passou fome por vá-



rios dias, fez jejum e abstinência de tudo, depois foi lá e... deu certo: com um pouco de esforço, torcendo-se pra cá, dobrando-se pra lá, conseguiu entrar no galinheiro e... fez uma galinhada: comeu como um padre!

(A propósito: sabem aquela do cristão debochador que chegou para o padre e garganteou: "Vigário, hoje comi como um padre!" O homem de Deus não gostou e perguntou:

— Antes de comer você fez o sinal-da-cruz?

— Não!

— Então você comeu como um porco!

Gente: vocês sabiam dessa?)

Voltemos à história da raposa: fez uma festa no galinheiro! Comeu uma barbaridade e ficou com uma baita duma barriga...

Daí perguntei ao jovem:

— Você sabe a moral da história?

— O que eu quero saber — respondeu — é o que devo fazer para ser padre, e padre feliz como o Cláudio, como o Vicente, o Keco, o Valeriano, o Vavá. A vida deles parece uma festa! O que devo fazer?

— Fazer o que fez a raposa antes de entrar no galinheiro: abster-se de algumas coisas, renunciar a... (E olhei para a garota dele). E ele pensou: "Vivo triste e todo arranhado, mas não largo da minha gata..." Depois perguntou:

— Há tantas profissões no mundo... acho que nenhuma delas exige o celibato... por que, para ser padre, é preciso?

— Ser padre não é uma profissão. É uma vocação.

— E o que é vocação?

— Dom de Deus.

E o jovem raciocinou: "Se vocação é dom de Deus, deve ser uma coisa que Deus dá e depois pode tirar... ou é uma coisa que alguém ganha e depois pode perder... acho que é isso que explica a desistência de certos padres... será que é isso? E mais: quando alguém perde alguma coisa de que gosta, fica triste. Acho que é por isso que alguns dos que desistiram, não são homens alegres... parece que perderam o bom humor da vida..." Depois perguntou:

— Padre, por que acontece isso?

— Jovem: o que você vai pensar se lhe disser que nem todos os que entraram para o sacerdócio tinham

vocação para entrar e nem todos os que saíram era para eles sair... o que você pensa disso?

— Isso me leva a pensar que a porta de entrada no seminário não é tão estreita assim... (entra até quem não deve); e a porta de saída é larga demais... (sai até quem não precisa).

— Então, o que é preciso? — perguntei e insisti: o que é preciso, segundo você, antes de entrar no seminário? antes de entrar para o sacerdócio? Insisto, porque é importante saber o que é preciso fazer antes de entrar... para que depois você não deva sair e, se precisar sair, você não se sinta um frustrado e perca o bom humor de viver. Portanto, segundo você, o que é preciso fazer agora?

Enquanto o jovem pensava, contei-lhe a segunda parte da história da raposa. Assim:

Depois que entrou no galinheiro, comeu e fez a festa, a barriguda raposa achou que lá não era o lugar dela: se não saísse, iria se dar mal com o dono das galinhas. Procurou o burquinho de saída, mas, como sair com aquela barriga cheia de frango? Teve que se judiar, sofrer, até vomitar o que comeu... Anda agora triste, por aí, sempre lembrando o que deixou lá dentro do galinheiro.

Perguntei ao jovem:

— Sabe o que ela tem que fazer? Sabe o que você precisa fazer? Enquanto ele pensava, contei:

Certa vez, um caçador achou um ovo. Levou-o para casa e o botou para chocar, juntamente com outros ovos de galinha. Passado um tempo, lá veio a "pintalhada": todos bonitinhos, iguaizinhos, felizes, menos um. Este era desengonçado, asas longas, cor de burro quando fuge, pés enormes, dedos grandões, unhudos. O bichinho nem caminhava direito. Nem sabia fazer pio-pio, como os outros pintinhos! O coitadinho nem tinha vontade de se enturmar! Vivía por aí, a uns metros da chocada, sempre infeliz, na esperança de um dia ser pintinho como os outros. O tempo foi passando e ele sempre mais desajeitado, desafinado. Ensajava o... pio-pio e os coleguinhas até se assustavam: parecia um galhar! E as asas cada vez mais grandonas. As unhas pareciam garras. Certo dia, o pintinho que não levava jeito de pintinho, já era um... "pintão":

ouve no céu um "canto" igual ao seu. E viu nas alturas um pássaro grandão, voando feliz. O "frangote" que não parecia frango, abriu as asonas e imitou o pássaro grandão. Fez mais um esforço e... ei-lo, agora, voando alegre ao lado de sua mãe águia!

## JOVENS, MEUS AMIGOS:

Será que, no plano de Deus, vocês estão aí para serem jovens como os outros? Felizes só como os outros jovens?

Em tempo: acabo de receber a cartinha da jovem Maria Terezinha Pasinato. Começa entre aspas: "É necessário que alguns deixem tudo para que muitos sejam mais felizes". Será que, para não poucos de vocês, não é este o plano de Deus? Deixem, então, este "galinheiro". Vocês estão neste mundo para... voarem mais alto.

E, quanto aos que desistiram e vivem tristes, escutem mais este recado que encontro na carta da amiga Terezinha: "Deus conserta um coração partido se lhe entregarmos todos os pedaços".

Por fim, o jovem que estava com o braço enrolado no pescoço de sua "gata", ficou sério e perguntou:

— O que devo fazer, então, antes de entrar no seminário?

Falei-lhe de três jovens felizes, que deixaram este "galinheiro", para que muitos sejam mais felizes. Falei do Keco, Valeriano e Vavá: são uns "caras" que sabem quase tudo sobre juventude. Nem sei se eles têm seminários. Se têm, estão com as portas trancadas... para você (ao menos por enquanto).

— Você duvida? — perguntei ao jovem.

— Porque muitos "caras" duvidaram disso, foram lá e bateram a cara na porta. Quem tentou entrar quebrou a cara...

— Então, o que devo fazer, antes de entrar no seminário?

— Escrever pros "caras":

Keco, Valeriano e Vavá:

Rua Dom Domingos  
de Silos, 114

02526 — São Paulo - SP.

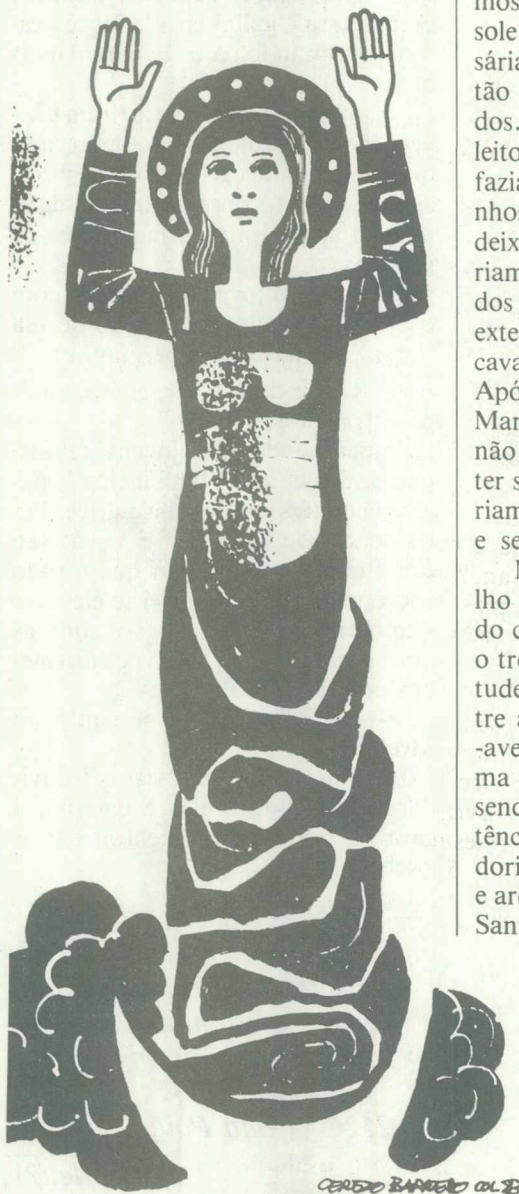
(Valeu?)



# Assunção de Nossa Senhora

Antônio Joaquim Lagoa

**A festa da Assunção de Nossa Senhora vem alegrar-nos e dar-nos certeza de que também nós, um dia, partilharemos da felicidade eterna.**



**A** principal glória da filha d'el-rei não é exterior, é toda interna, nos diz a Divina Sabedoria, falando em figura do que depois havia de acontecer com Nossa Senhora.

A festa que a Igreja celebra neste mês, no dia 15, parece aparentemente ser um protesto contra essa verdade, sendo que é uma confirmação da mesma. Nós, filhos de Maria, nos vemos privados duma Mãe que nos console, que nos alivie nas tristezas necessárias nesta vida de destellos; é coisa tão exterior que nos toca nos sentidos. Os Apóstolos, reunidos ao pé do leito da Mãe de Jesus, que com eles fazia as vezes de Mãe, vêm tão carinhosa mãe exalar o último suspiro, deixá-los órfãos; eles bem que poderiam dizer-nos se seus olhos, debulhados em lágrimas, não sentiam e viam exteriormente o desamparo em que ficavam. Santo Tomé e os outros Apóstolos, que abriram o sepulcro de Maria e o acharam vazio, sendo que não havia sinal de violação, nem de ter sido aberto, muito bem nos poderiam dizer se Maria ressurgiu ou não, e se essa glória é verdade sensível.

Maria Santíssima, junto a seu Filho Divino e rodeada de toda a corte do céu, sobe majestosa, para ocupar o trono que lhe granjearam suas virtudes. Maria, entrando na glória entre as aclamações de todos os bem-aventurados e as felicitações da mesma angustíssima Trindade; Maria sendo coroada com coroa de onipotência pelo Pai, com coroa de sabedoria pelo Filho, com coroa de amor e ardentíssima caridade pelo Espírito Santo. Maria, entusiasticamente pro-

clamada como Rainha pelos coros de anjos e pelos exércitos dos santos é coisa tão visível, é coisa tão exterior, que abalou a mesma quietação da eternidade, e formaria nela época, se a eternidade tivesse as mudanças do tempo.

Maria foi concebida sem pecado original; e, se isso é verdade, não pode deixar de ser que ressuscitou Maria e que subiu em corpo e alma aos céus. Podíamos dar como razão (a que é universal sempre que se trata de Maria) que Nosso Senhor não podia negar essa graça a Maria, desde que a tenha concedido a outros santos; mas com isso apenas diríamos uma verdade excessivamente vulgar em teologia, que Maria Santíssima é maior que todos os santos. A razão que mais nos agrada é singular para Nossa Senhora. Ela foi Imaculada, logo ressuscitou sem ter tido corrupção em seu corpo. Há algumas consequências do pecado original que Nosso Senhor podia não ter experimentado em si; mas que as quis experimentar, porque, não sabendo nada a pecado, podia com elas nos servir de exemplo. Podia, pois, não morrer; mas quis morrer porque precisávamos de conforto e exemplo nesse doloríssimo transe; mas Ele, que quis morrer, não quis que seu corpo apodrecesse; porque a podridão é já um defeito que se vê muito claro ser consequência do pecado. A festa que a Igreja celebra neste mês, no dia 15, é uma confirmação dessa verdade.

Alegrem-se todos neste dia, e principalmente alegrem-se os devotos de Maria, a IMACULADA CONCEIÇÃO; pois a festa de hoje é o cumprimento e digno remate e como riquíssima coroa de sua puríssima Conceição. Que reine em nossos corações a alegria; reine gloriosamente nossa Mãe; esperemos que onde está a Mãe, iremos também, um dia, os filhos partilhar, para sempre, de sua felicidade.





## Folclore: cultura do povo

Vi-va o Divi-no, viva o meu Anjo da Glória. Viva São Bene-

-ditoglerê, sal-ve-mo Nos-sa Senho-ra

***A cultura do povo que ama e que canta seu amor ao próximo ou à divindade.***

Há quem pense que o folclore é próprio de caipiras e do passado; no entanto, ele faz parte da cultura de todos nós e está bem vivo, nas suas danças e jogos, nos contos de fadas vibrantes, alegres e engraçados, nas cantigas tradicionais, nos costumes do dia-a-dia. Ele foi trazido de Portugal e da África e aqui adaptado pelos primeiros habitantes em contato com populações indígenas. Desses três grandes ramos básicos vem a linda pátria com suas histórias e fatos tradicionais. São Paulo tem seu folclore, como as demais regiões.

Em Taubaté, por exemplo, há o Mercado da Barganha. Começou com a troca de relógios, e hoje se troca de tudo. É localizado atrás do Mercado Municipal da cidade, funcionando aos domingos pela manhã.

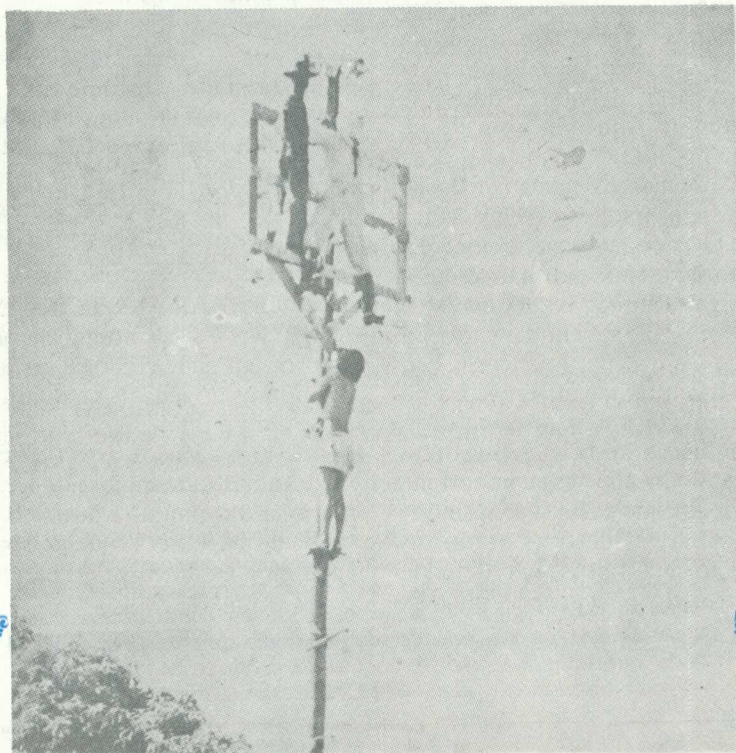
Acompanhando a serra da Mantiqueira, predominam as Congadas e a dança do Cateretê, além da Folia de Reis. Uma grande festa é a do Divino, em Nazaré Paulista (junho). A cidade é pequena e sem acomodações para visitantes num só dia; fica api-

nhada de gente que vem da zona rural, viajando de carro, de ônibus, de charrete, a cavalo ou até mesmo a pé.

A festa, na cidade de Franca, consiste na Cavalhada (tendo variante em São Luiz do Paraitinga), com a representação de lutas entre cristãos de Carlos Magno e os mouros. Nas festas populares vende-se de tudo — desde um produto mágico qualquer que cura resfriado até males do fígado; infalível para tersol, amarelão ou calos; coisas assim. Quase sempre há barracas para o leilão de prendas

variadas: bonecas, bebidas, frango assado, bolos, pacotes de balas, roupas, etc. Fazem leilão de animais, geralmente gado. Em Aparecida, se fazem duas festas importantes: S. Benedito (móvel, abril) e Nossa Senhora Aparecida (outubro). Na capital, ultimamente cresceu o culto de Sta. Edwiges, padroeira dos... endividados (!), talvez consequência da crise sócio-econômica.

Na sexta-feira santa, um grupo de paulistanos, os pauliteiros, costuma subir o morro do Jaraguá, termi-





nando o dia com um piquenique. No mesmo dia se faz a cerimônia do Descimento da Cruz, em Atibaia. Os estudantes da Faculdade de Direito-USP, do Lar de São Francisco, mantêm duas tradições: a do "pendura" em 11 de agosto, quando procuram se alimentar nos restaurantes e lanchonetes sem pagar a conta, que fica "pendurada"; e a de 19 de outubro, com sátiras e brincadeiras.

A afluência de nortistas e nordestinos traz a São Paulo sua cultura, desde o candomblé à literatura de cordel. Os paraenses residentes na capital paulista comemoram o Cirio de Nazaré e tentam o "arraial" junto à igreja de N. Sra. de Fátima (outubro). As festas de colônias migratórias podem apresentar facetas que chegam ao folclore da terra de origem: capoeira, literatura de cordel, forró tornam-se motivo de *shows*, programas de exposições, etc.

As danças de fandango do litoral, as modas antigas do interior sul paulista são outras atrações. O Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga incentiva festas de Santo Antônio em Bertioga, quando se pode encontrar cantadores de "Reis", uma cana-verde ou cana-brava, uma Ciranda. As belas procissões marítimas, dança de São Gonçalo, Congada, Moçambique são outros fatos folclóricos.

Um fato característico do Vale do Paraíba é a cerâmica figurativa: peças feitas a mão com barro cru, destinadas à armação do presépio. Daí serem chamadas "figuras de presépio". Merece um destaque especial a festa do Divino em Tierê, no primeiro sábado após o Natal, e outras semelhantes em Anhembi e em Piracicaba (julho), quando se faz o "encontro" de barcos no rio histórico das bandeiras paulistas e no rio Piracicaba. O Fandango, na área de Taubaté, é um sapateado acrobático de caboclos ágeis, muitas vezes boiadeiros e lavradores que sabem dançar o Carteretê ou Catira. Para dançar o Fandango, usam tamancos especiais para obter maior ruído no sapateado.

As inúmeras festas variam em nomes, datas e locais. Mas é importante fazermos e participarmos com sinceridade o que se vai mostrar aos turistas, pois, se formos falsos, não defendemos o folclore. O próprio povo sa-

be manter suas tradições, com autenticidade.

No ciclo da Páscoa, vem a malhação de Judas, em geral como uma brincadeira de jovens e crianças que estraçalham e queimam um boneco, o Judas, como castigo por ter traído Jesus. Há portanto um sentido inicial religioso, porém é uma tradição popular alegre e de lazer, que assume características locais, incluindo críticas a autoridades e a pessoas famosas; Jânio Quadros já foi Judas, Delfim Neto também, a "Estrada de Brasília", etc. Em Itu, atualmente no domingo da Páscoa, por volta de 12 horas se faz a queima do Judas (diferente da malhação); em frente à matriz é armada uma forca, na qual o traidor vai ser pendurado; acima dele está outro boneco, o Diabo, com tridente e asas de morcego abertas, e que cairá no cangote do Judas quando chegar o momento exato. Mas antes desse clímax estouram-se baterias e conjunto de bombas fortes, além de fogos de assobio. Ambos os bonecos estouram num espetáculo que se prolonga por 25 minutos. A variante ituana de Judas é a única do Estado paulista e segue moldes de tempos passados. Em Capivari, o Judas é amarrado no alto dum pau-de-sebo, com muitas prendas.

No dia 1º de janeiro, em várias cidades as crianças costumam cumprimentar as pessoas nas ruas assim: "Bom-dia, meu ano-novo", ou "Bom-dia, bons anos" ou ainda: "Bom-dia, ano-bom".

Entretanto, folclore não é apenas festa, dança, espetáculo e fatos desse tipo. Há muitos costumes na vida de todos nós que são manifestações folclóricas. É o caso das "sortes" feitas especialmente nas noites de Santo Antônio e São João, para encontrar namorado, para saber profissão, etc. Vejamos algumas:

**AMARRAR AS PONTAS DO LENÇOL** — Três nomes de pessoas escritos em papezinhos e amarrados nas pontas do lençol; na quarta ponta dê um nó também, entretanto sem papel. Vire o lençol, arrume a cama e vá dormir. Na manhã seguinte, escolha uma das pontas e desate o nó. O nome do papel será o da pessoa indicada para casamento; ou não haverá papel nem casamento.

**COPO COM CLARA** — Pegue um copo com água e coloque uma clara de ovo dentro. Tampe o copo sem olhar. Na manhã seguinte, se aparecer uma flor de laranjeira ou outra indicação, é sinal de casamento à vista.

Culinária também pode ser folclore. É o caso da paçoca de carne, dos nossos bandeirantes, apreciada até hoje. Experimente:

**2 1/2 kg de carne de vaca sem pelancas;**  
**cheiro-verde;**  
**1/2 kg de toucinho defumado;**  
**1 kg de farinha de milho**  
**(de preferência branca);**  
**sal, alho e pimenta;**  
**um pedacinho de carne-seca.**

Numa panela, cozinhe a carne cortada em pedaços pequenos, deixando até fritar e juntando a gordura já obtida no preparo do toucinho com os temperos. Acrescente cheiro-verde e pimenta, misturando bem. Soque no pilão (ou na máquina de moer) até que se desmanche. A paçoca mais seca ou molhada depende da quantidade de farinha. Sirva no café da manhã ou no almoço, acompanhada de arroz e banana-nanica.

Há formas de entretenimento que também se incluem no folclore, como as adivinhações:

O que é, o que é: quanto mais cresce, mais baixo fica?

Resposta: rabo de cavalo.

O que é, o que é: tem pé redondo e rastro comprido?

Resposta: automóvel.

Vemos que todos os povos têm suas formas de vida, diferentes da cultura erudita. Mas essas manifestações igualmente constituem um tipo de cultura: a cultura do povo, que ama e canta seu amor ao próximo ou à divindade, assim:

Viva o Divino,  
Viva o meu Anjo da Glória,  
Viva São Benedito, o le-rê,  
Salvemos Nossa Senhora.

As informações que obtive para vocês, encontrei-as no livro *Calendário e documentário de folclore paulista*, do prof. Américo Pellegrini Filho. Esse livro pode ser obtido nas livrarias e na Secretaria de Estado da Cultura.



# Programa de domingo

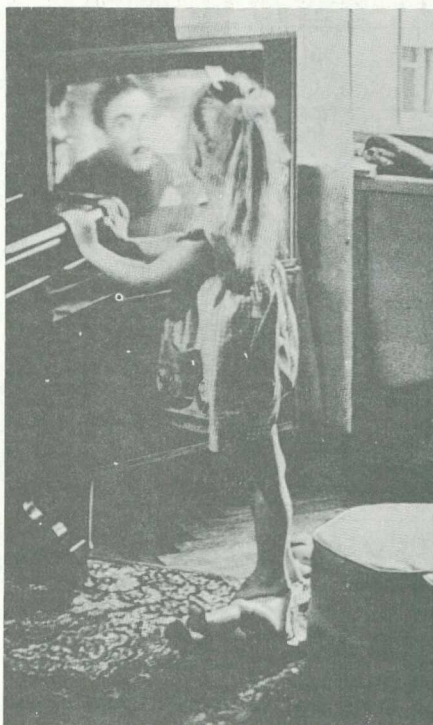
Rosana C. Chrispim

*Embora o Programa de Domingo da TV Manchete, aos domingos, seja de apresentações amenas, isso não quer dizer que não haja uma ideologia que oriente quais os assuntos que deverão ser tratados e de que maneira.*

O hábito de ler, para o brasileiro, cada vez menos se cultiva, seja por fatores culturais ou econômicos. No entanto, paralelamente, os aparelhos de televisão têm seu lugar garantido nos lares, desde os mais simples aos mais abastados, senão por uma necessidade de informação, mas também como uma forma de lazer. Assim, por que não fazer uma revista falada?

Esta é a proposta da TV Manchete ao apresentar, às 20 horas, o seu *Programa de Domingo*, sob o comando da atriz René de Vielmond. Os quadros, todos eles, são uma transposição dos fatos segundo o modelo da revista Manchete, sem maiores aprofundamentos teóricos, mas com um belo e bem cuidado apuro visual. Os temas abordados são mais amenos, embora, muitas vezes, não menos contundentes. Só que a forma de tratamento não visa o impacto audiovisual que pretende o seu concorrente da TV Globo, o Fantástico. Essa forma mais amena não sugere, no entanto, que não haja uma ideologia que oriente quais assuntos deverão ser tratados e de que maneira.

Entre apresentações de videoclips de artistas brasileiros e estrangeiros, reportagens sobre filmes, curiosidades e esportes, a produção intercala (num esquema semelhante ao do Fantástico) blocos de notícias rápidas, para dar uma feição jornalística que não peque pelo caráter de descontração e curiosidade. Como é sabido, todos os canais de televisão são concessões do governo federal. Daí é que o grupo Bloch, concessionário da TV Manchete, não tem interesse em



apresentar notícias e reportagens que, de alguma forma, atinjam a esfera federal e ponham em risco os interesses do regime e, conseqüentemente, os seus. A proposta, então, de um programa leve e digerível vela,

na verdade, o jogo de bastidores para a detenção de um canal de TV.

O público a que se dirige o programa, como todos os demais da emissora, certamente não é o "povoão". Dirige-se, sim, a um público mais elitizado, de maior poder aquisitivo, o que faz crer que nem mesmo haja necessidade de tratar os problemas sociais que atingem diretamente o povo brasileiro. Mostrar a fome na Etiópia, sim, mas os flagelos do nosso Nordeste, numa postura crítica, jamais, pois o primeiro não é uma realidade imediata do Brasil. Essa revista de variedades prima, por outro lado, pela atualidade que, se não chega a discutir problemas, pelo menos não é indigesta, explorando a violência nas suas mais diversas manifestações.

A leveza e a falta de aprofundamento crítico-científico, entretanto, não refletem falta de seriedade. Pelo contrário, esses aspectos talvez impeçam, positivamente, que tudo seja mostrado como verdade única e indiscutível. E, se não questiona o poder ou o sistema, ao menos não é planfletária e abertamente propagandista de qualquer ideologia nacional ou importada. É um programa de fim de noite de fim de semana.

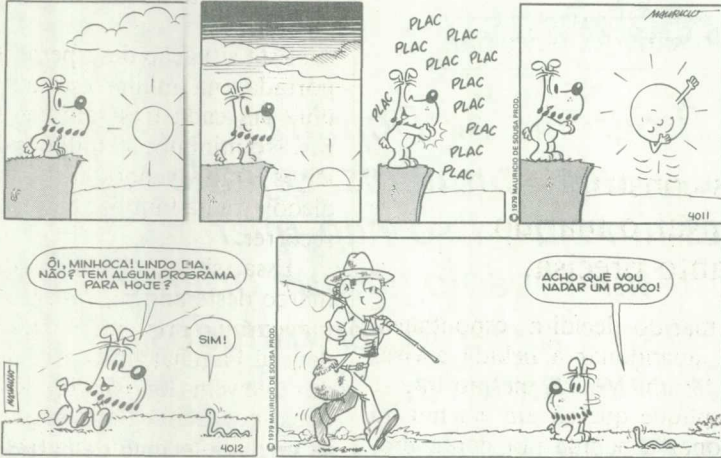
## PARA REFLETIR

- 1 — *A TV deve discutir assuntos de outras partes do mundo? Que temas deveriam ser abordados?*
- 2 — *Qual a diferença entre o Programa de Domingo e o Fantástico?*
- 3 — *Esse programa interfere de alguma forma nas transformações de que a sociedade necessita atualmente? Por quê?*
- 4 — *Que efeitos tem em você a abordagem ou não da violência? Explique.*



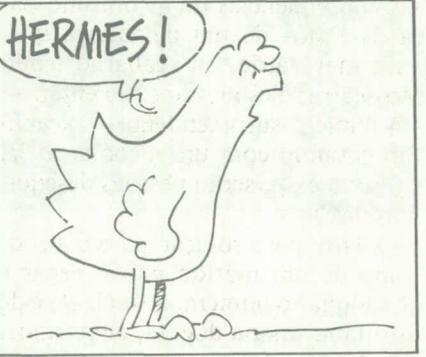
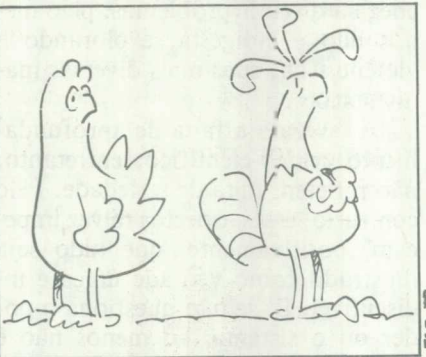
# HUMOR

CEBOLINHA - (MAURÍCIO)



LEMBRE-SE DE QUE, QUANDO SUA MÃE NÃO ESTÁ, QUEM MANDA SOU EU!  
(Donilo)

# O PATO - (CIÇA)





# Um novo programa para orientar familiares de alcoólatras

Donald Lazo

É preciso tomar medidas construtivas para reequilibrar o lar e levar o marido ao tratamento de que tanto precisa.

Muitas pessoas perguntam por que as esposas de alcoólatras se sujeitam a tanto abuso, durante tantos anos, por parte de seus maridos. Percebendo o quanto seus filhos estão sendo prejudicados pelas atitudes e o comportamento do pai, por que não pegam esses filhos e vão embora?

Parte da resposta, sem dúvida, está no fato de ser o Brasil, como todo país latino que conheço, ainda um país dos homens, onde o lugar da mulher, em grande parte, continua sendo a cozinha, e sua principal tarefa a de cuidar dos filhos. Desde o berço a mulher latina é treinada a aceitar esse papel. E, se o marido bebe demais, apronta e, às vezes, fica violento, quem é ela para fazer algo a respeito? Ela ainda está condicionada a aceitar o papel de vítima sofrida e inoperante, "carregando a sua cruz" até onde for necessário. Além do mais, quando ela aceitou seu cônjuge "como legítimo esposo", ela prometeu "amá-lo e respeitá-lo, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza". Uma mulher que fez esse voto de lealdade não deixa de lado o sacramento do matrimônio tão facilmente, nem deve fazê-lo.

Há outro fator interessante. Recebo muitas chamadas de mulheres casadas com alcoólatras. Falam, às vezes, durante cinco a dez minutos sobre as amarguras que estão sofrendo, nas mãos de seus maridos. As histórias que contam são de arrepiar, mormente quando o alcoólatra já chegou ao estágio da violência. Frequentemente, interrompo e pergunto: "Dona Helena, posso fazer-lhe uma pergunta? Por que a senhora aceita esse abuso todo?" A resposta é invariavelmente esta: "Porque eu amo meu marido. Quando não bebe, ele é um santo!" Essas esposas obviamente vivem na esperança de que algum

dia o marido decidirá, espontaneamente, abandonar a bebida e virar santo de uma vez. E mesmo que se lhes explique que só um em mil irá abandonar a bebida por conta própria (e nenhum se tornará santo como consequência!), elas viverão — se aquilo se pode chamar de vida — com a esperança de que *seu* marido será esse um.

Existem outras razões. Algumas esposas dizem que não abandonam o marido "por causa dos filhos". Não querem que os filhos cresçam sem pai. Esse é um dos poucos argumentos que, para mim, não tem qualquer fundamento. Porque eu sei que os filhos de um alcoólatra são mais prejudicados do que ajudados pela convivência com ele. (Em futuros artigos, pretendo escrever sobre as desastrosas consequências do alcoolismo para os filhos de um alcoólatra que, anos mais tarde, ou acabarão sendo alcoólatras eles mesmos, ou então — em número surpreendente — acabarão casando com um alcoólatra. E, em todo caso, serão pessoas desequilibradas.)

Claro que a solução para o alcoolismo de um marido não é pegar e abandonar o homem. Afinal, ele é de fato uma pessoa doente, em termos. A solução é tomar medidas construtivas para reequilibrar o lar e levar o marido ao tratamento de que tanto precisa.

Acontece que os mesmos fatores que inibem a esposa de abandonar um marido que abusa da bebida e dela, também impedem que ela tome medidas construtivas para resolver o principal problema de sua vida. Com duas agravantes: (a) ela invariavelmente pensa que não há solução definitiva para o alcoolismo (o que está muito longe da verdade); e (2) ela não tem a menor idéia do que deve

fazer. Resultado: em 99% dos casos, a situação continua piorando até o alcoólatra finalmente morrer e deixar a família descansar em pesada paz.

Esta situação desesperadora é suportada, na minha estimativa, por uma em cada três famílias brasileiras. No mínimo, 30 milhões de brasileiros estão vivendo, aflitos, com um alcoólatra na família, sem ter a quem recorrer.

Essa situação vai mudar. Em março deste ano, a Chácara Reindal inaugurou o primeiro Programa Residencial Familiar no Brasil, modelado nos que vêm florescendo, nos últimos anos, nos EUA. Baseia-se na certeza de que, se alguém de sua família bebe demais, VOCÊ precisa de ajuda!

O Programa Residencial Familiar da Chácara Reindal visa ensinar — às pessoas que têm um alcoólatra na família — como o alcoolismo afeta a todos os membros da família, e o que estes devem fazer para (a) voltar ao equilíbrio emocional e (b) levar o alcoólatra a aceitar tratamento. Com suas palestras e filmes, o Programa é especialmente interessante para psicólogos e assistentes sociais, e também para as pessoas que já frequentam algum Grupo Familiar de Al-Anon. Ajudá-los-á a compreender melhor o programa de Al-Anon e a estender a mão, através da Al-Anon, a outros familiares que estão buscando um caminho. Para maiores detalhes, podem escrever para Chácara Reindal, Cx. Postal 20.896, São Paulo, SP (telefone: (011) 520-9514).



**CHÁCARA REINDAL**  
Especializada em  
alcoolismo

*Sua melhor chance de se recuperar do alcoolismo e iniciar uma vida nova, produtiva e feliz.*

Cx. Postal 20.896  
01498 São Paulo, SP  
(Fone: (011) 520-9514)



## SEMPRE É TEMPO



Dona Leduina Rodrigues dos Santos nasceu em Macaúba, Bahia, aos 29 de junho de 1882. É, pois, uma senhora centenária. Até os 98 anos de idade era de missa e comunhão diárias, indo a diversos hospitais para visitar doentes que não tivessem visitas. Agora, com os seus 103 anos de idade, continua o seu apostolado, rezando especialmente pela santificação do clero, uma vez que por dificuldades de andar não pode mais ir visitar os seus doentes.

### Na paz do Senhor

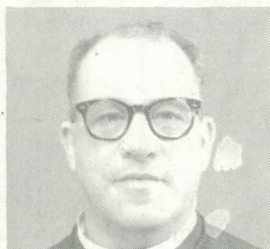
Em São Paulo (SP) Rubens Cardoso aos 15/10/84. Em Monte Alegre do Sul (SP) Os-  
mídia Teixeira Seguisse aos 6/10/84, durante  
muitos anos representante da Revista AVE  
MARIA. Em Franca (SP) Carlos Scarabucci  
aos 16/9/84, tio do provincial, Pe. Helmo Fac-  
cioli. Em Aparecida (SP) Bernardino Domín-  
gos Cipresso de Faria aos 21/2/83. Em Rio

Claro (SP) Pedro Caldeirão aos 15/9/84. Em  
Volta Redonda (RJ) Santa Trindade aos  
9/6/84. Em Itajubá (MG) Americana Cipresso  
de Faria aos 16/5/85. Em São Paulo (SP) Pi-  
namonte Carratu aos 25/6/85. Em São Ber-  
nardo do Campo (SP) Oswaldo Pereira aos  
16/6/85. Em Rio Claro (SP) Heloisa Lemenhe  
Marasca aos 24/5/85.



Em Taboão da Serra, SP, Irmã Albina Luiza  
Rocchetti aos 13/5/85. Em Bauru, SP, Anto-  
nieta Ramos Barbosa aos 24/6/81. Em São Vi-  
cente, SP, Alice Ramos Barbosa aos 5/1/84.

### PE. GERALDO MARIA DE OLIVEIRA, C.M.F.



Nasceu em Campos Gerais, MG,  
em 21 de junho de 1910, sendo seus  
pais Cincinato Tertuliano de Oliveira  
e Maria José de Oliveira.

Sentindo o chamado de Deus, in-  
gressou na Congregação dos Missio-  
nários Filhos do Imaculado Coração  
de Maria (Padres Claretianos). Fez  
seus votos religiosos no dia 6 de ja-

neiro de 1930.

Recebeu a unção sacerdotal em  
23 de maio de 1937.

Depois de exercer por algum  
tempo o magistério no Seminário  
Claret de Rio Claro, SP, entregou-se  
totalmente ao ministério das missões  
populares, a grande paixão de sua vi-  
da, percorrendo vários Estados, do  
Nordeste ao Paraná.

Foi um apaixonado de Nossa Se-  
nhora. Trouxe de Fátima (Portugal)  
uma imagem peregrina de N. Senho-  
ra de Fátima, que o acompanhava  
em todas as suas missões como ver-  
dadeira Missionária, realizando inú-  
meras conversões e derramando  
abundantes graças, às vezes extraor-  
dinárias.

Nos últimos anos de sua vida, já  
cansado e doente, não deixou de tra-  
balhar, pregando pequenas missões,  
novenas, jubileus, ajudando e sub-  
stituindo vigários, exercendo tempo-  
rariamente a função de vigário em  
paróquias sem padre, preparando jo-  
vens para o seminário, tudo isto  
com o espírito missionário de um fiel  
seguidor de Santo Antônio Maria  
Claret.

Por fim tombou, vítima de uma  
insidiosa moléstia, vindo a falecer no  
dia 22 de dezembro de 1984, na Casa  
Paroquial da Basílica N. Senhora de  
Lourdes, em Belo Horizonte.

Descanse na paz de Deus o servo  
bom e fiel, que combateu o bom  
combate, terminou sua carreira, guar-  
dou a fé (2 Tim 4,7).

**Bancos, altares e móveis para igrejas.  
Diversos modelos.**

**Só fabricamos em embuia maciça de  
primeira qualidade, não trabalhamos  
com aglomerados ou compensados.**

**Só trabalhamos com madeira seca  
(com secagem de 3 a 5 anos).**

**Desfrutamos de maquinário moderno,  
técnica altamente especializada.**

**Venda direta da fábrica.**

**Transporte próprio.**

**Não aceitamos pagamentos adiantados,  
somente após a entrega.**

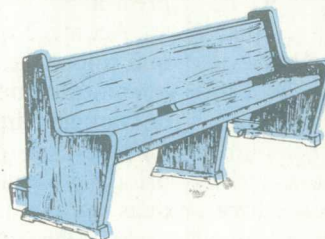
**Consulte-nos sem compromisso.**

**OBERTIME**



## INDÚSTRIA DE BANCOS PARA IGREJA GENERAL CARNEIRO, PR

**FÁBRICA DE ALTARES, BANCOS  
E MÓVEIS PARA CAPELAS E IGREJAS**



**Peça catálogo ou um  
banco para  
demonstrações, ou  
solicite a visita de nosso  
representante.**

Escritório, Depósito e Exposição:  
R. Vieira de Moraes, 1237 - Aeroporto - CEP 04617 - São Paulo, SP.  
Salas de 1 a 6 - (Fones: 241.1563, 241.1718, 447.2811, 447.2558 e 447.2136).  
Fábrica: General Carneiro, PR



# A Palavra de Deus na Liturgia Eucarística

Reflexões sobre a Palavra de Deus.

Breves comentários para auxiliar os fiéis cristãos a meditar e refletir em suas casas os textos bíblicos a serem proclamados e explicados nas missas dos domingos e dias santos e para maior participação na liturgia eucarística.

## 22º DOMINGO DO TEMPO COMUM — 1/9/85

### LEITURAS BÍBLICAS:

1ª Leitura: *Dt 4,1-2.6-8.*  
2ª Leitura: *Tg 1,17-18.21b-22.27.*  
Evangelho: *Mc 7,1-8.14-15.21-23.*



A liturgia deste domingo nos coloca diante de um fato: analisar constantemente a qualidade de nosso relacionamento perante Deus e os homens. Somos cristãos na medida em que nosso ser mais profundo está orientado para esse duplo amor que se resume num só: o amor ao Senhor e aos irmãos. O amor ao próximo supõe amor a Deus, como o amor a Deus supõe amor ao próximo. Quando uma pessoa está amando o próximo, ainda que inconscientemente, está amando a Deus. O amor ao próximo, com ou sem consciência, tem valor teológico porque o próximo é imagem de Deus, mesmo o mais pecador. Todo homem foi eleito em Jesus Cristo e é filho de Deus. O amor ao homem faz entrar numa comunhão com Deus. Jesus Cristo se identifica com os demais pobres e sofredores. Tudo que fizermos a eles, estamos fazendo a Jesus Cristo. Amar é ter o jeito de Deus. As libertações parciais antecipam a salvação de Deus. Têm um valor teológico. Todo ato de amor é salvador. A libertação, pois, nasce do amor.

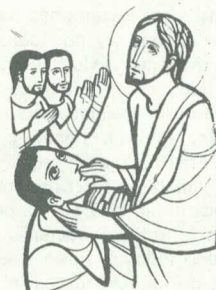
Nós, cristãos, que vivemos nossa fé de forma católica, temos uma série de expressões exteriores de adesão a Deus e à comunidade: os sacramentos, as orações vocais (Pai-Nosso e Ave-Maria), a participação dominical da Eucaristia e a vivência do cotidiano. Porém, sem nenhum pessimismo, sabemos que estamos longe do verdadeiro amor. Nossa prática não é gratuita, benéfica. Poderíamos dizer que, no mais das vezes, nosso agir não tem graça porque é interesseiro, não parte da gratuidade. Nem todo relacionamento humano é encantador. A graça seria fazer tudo desde a gratuidade. Existem relações interpessoais de graça onde existe um benefício gratuito, um dom, um presente de um para o outro. O encanto nas relações comporta sempre liberdade, abundância. Esta graça alcança sua correspondência na ação de graças, no agradecimento, na gratidão e sobretudo no perdão.

Muitos cristãos pensam que as orações são varas mágicas que penetram no céu e provocam em Deus uma resposta. Ora, sem querer tirar o valor das orações devocionais, hoje temos que afirmar a intenção de nossa oração. Por que rezamos? Como rezamos? Para que rezamos? Não basta mais continuar meramente repetindo fórmulas e mais fórmulas totalmente fora do contexto vital. Devemos, pois, lutar pela implantação de uma prática cristã marcada pela autenticidade. As manifestações exteriores de homenagem a Deus devem ser provenientes do coração e das necessidades da comunidade eclesial. Por isso, será preciso sempre mais, em nossas reuniões, em nossas conversas aprofundarmos o tema da conversão. Conversão a Deus e ao homem oprimido e marginalizado de nosso meio. A conversão, isto é, o voltar-se para Deus exige uma mudança radical de tudo aquilo que seja empecilho para a manifestação total de Jesus Cristo ressuscitado e de seu Espírito. Oxalá nossas orações a Deus possam expressar o conteúdo de nossa caridade e de nossa justiça.

## 23º DOMINGO DO TEMPO COMUM — 8/9/85

### LEITURAS BÍBLICAS:

1ª Leitura: *Is 35,4-7c.*  
2ª Leitura: *Tg 2,1-5.*  
Evangelho: *Mc 7,31-37.*



Como fazer bem a evangelização hoje? Como ser e anunciar o Reino de Deus na atualidade de nossa realidade? É possível ser força libertadora para pobres e para ricos? Desde a prática de Jesus, as tradições religiosas judaicas, como todo o Antigo Testamento, recebem sangue novo. São criticados e purificados de tudo aquilo que oprime, cega, sufoca a liberdade dos verdadeiros adoradores de Deus Pai. Surge uma nova práxis, uma nova ética, um novo modo de se posicionar diante de Deus, que é Pai de todos os homens sem distinção; perante os homens, todos são próximos, filhos de Deus e portanto irmãos; perante o mundo, as coisas, a sociedade, a lei, o direito, a economia, a política e a família. Tudo isto são manifestações do Reino de Deus quando o homem e o tornam mais consciente e responsável por sua dignidade e vocação. Neste mundo, a pessoa é o ser que mais tem dignidade porque é a única realidade irrepetível. Por isso, a pessoa deve ser valorizada por sua dignidade mesma e não por sua inteligência, por sua raça ou por sua riqueza. Do contrário, teremos discriminação. Dentro de nossa sociedade, têm de ser reconhecidos os direitos dos pobres, eles têm dignidade como todos os homens. Se Deus não exclui ninguém, também a sociedade não pode excluir quem quer que seja. Devemos, pois, alertar a sociedade para olhar mais para a condição social dos pobres. Quem vive com base nesta perspectiva, não é mais surdo-mudo, coxo, leproso; vai tornando-se um germe da graça de Deus no mundo, um homem novo.

Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja na América Latina tornou-se menos surda-muda, menos coxa ao reconhecer suas falas na evangelização e ao manifestar o ardente desejo de assumir uma práxis radical e mais conseqüente em favor dos oprimidos, não mais compactuando com os ricos nem com aqueles que detêm o poder e escravizam os homens. Hoje, somos desafiados a ser profetas e compartilhar com todos aqueles que anseiam por uma nova sociedade na qual não haja ricos e pobres, oprimidos e opressores. Jesus Cristo traz a libertação para todo homem e faz com que o homem fique de novo frente ao único necessário: Deus. Naturalmente, diante do único necessário, todos os outros valores ficam relativos. Os ídolos já não são mais ídolos. Na morte e ressurreição de Jesus temos a reconciliação do homem com Deus, com ele mesmo, com os outros homens e com a natureza. O que seria para nós, para cada cristão hoje na realidade brasileira, ser-lhe restituído o direito de ouvir e de falar?

Como Igreja Povo de Deus, devemos falar a mesma linguagem do mundo. Devemos tomar a sério a realidade do mundo. Um mundo que se proclama adulto, secularizado. Temos que compreender que este mundo tem seus valores e aceitá-los. No diálogo, os dois falam e os dois escutam. O mundo tem valor que oferecer e que receber. Assim também a Igreja Povo de Deus. Conseqüentemente, é urgente descobrir os sinais dos tempos. Descobrir a presença da ação do Espírito de Deus na sociedade porque o Espírito não é monopólio da Igreja. Ele age livremente no mundo. Só nesta perspectiva poderemos fazer presente o Reino de Deus instaurado por Cristo e colaborar com a sociedade para que cresça a graça de Deus.



## LEITURAS BÍBLICAS:

1ª Leitura: *Is 50,5-9a.*  
2ª Leitura: *Tg 2,14-18.*  
Evangelho: *Mc 8,27-35.*



gar, é supérflua; porque nossa fé em Cristo de uma vez por todas está baseada na confissão de Pedro: "Tu és o Messias" (Mc 8,29b). Por outro lado, para outros ainda não conseguimos responder ao mundo e aos homens quem é Jesus. Basta olhar para nossa realidade sócio-político-econômico-religiosa e cultural. Os cristãos, somos chamados a dizer que Jesus é Senhor, assumindo, na própria existência, as consequências que derivam desta confissão de fé. Somos chamados a fazer presente no mundo o grande mistério de nossa fé: a encarnação de Deus na pessoa de Jesus e sua contínua presença no meio dos homens. Ademais, dizer que Jesus é Senhor significa retirar do mundo todos os falsos "Senhores" que no decorrer da história nos têm oprimido com sua prática devastadora da pessoa humana. Todavia, não basta uma simples declaração formal, é necessário que a confissão de fé, de que Jesus é Senhor, desça até o terra-a-terra, na nossa realidade e produza um novo jeito de ser homem. Jesus se dá a conhecer na história, no relacionamento entre os homens. "E vós, quem dizeis que Eu sou?" E vós, latino-americanos, brasileiros, quem dizeis que Eu sou? A resposta a esta pergunta deve ser pública ante os homens, levando-os a se posicionarem frente à crise da família, à crise da política que não se baseia nos valores essenciais do Evangelho, à desintegração das comunidades cristãs locais, à pouca solidariedade de umas Igrejas junto ao subdesenvolvimento e marginalização dos homens. Ser cristão, hoje, tem necessariamente esta implicância. Porém, a vivência da fé em Jesus Cristo se dá numa comunidade concreta. Deus manifesta-se-nos vivendo e atuando de modos diferentes: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; porém numa unidade incomensurável. Para mim, é nesta relação amorosa, diríamos hoje democrática, de Deus que devemos buscar os fundamentos de nossa missão e de nosso testemunho de que Jesus é o Senhor que determina, por assim dizer, as outras confissões que teremos, necessariamente, de fazer durante o decurso de nossa vida. Assim como é inconcebível um Deus solidão, é inaceitável um homem fechado em si mesmo, longe dos outros; seria tudo, menos homem. Porque foi Deus quem quis, em primeiro lugar, que o homem vivesse de forma social; e nós, por conseguinte, devemos querê-lo, pois a vida em comunhão faz com que sejamos melhores, introduz-nos mais facilmente na vida divina da caridade e da justiça, ajuda-nos a descobrir-nos quem somos, o que queremos e porque o queremos, abre-nos, transforma-nos, mostra-nos nossas qualidades e nossos limites. Além disso, faz com que nos tornemos fecundos, participantes da alegria de Deus. O homem que ainda hoje traz o perfume de Deus na própria carne, tem de desejar a vida em sociedade. Quem não for capaz de abrir-se para um encontro com o outro, amparando-se no amor de misericórdia de Deus, pode estar certo de que jamais conseguirá confessar que Jesus é Senhor.

## LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DA SEMANA

**Dia 1 de setembro — DOM.;** **Dia 2** — 2ª-Feira: 1ª Leitura 1Ts 4,12-17, Evangelho Lc 4,16-30; **Dia 3** — 3ª-F.: 1ª L. 1Ts 5,1-6.9-11, Ev. Lc 4,31-37; **Dia 4** — 4ª-F.: 1ª L. Cl 1,1-8, Ev. Lc 4,38-44; **Dia 5** — 5ª-F.: 1ª L. Cl 1,9-14, Ev. Lc 5,1-11; **Dia 6** — 6ª-F.: 1ª L. Cl 1,15-20, Ev. Lc 5,33-39; **Dia 7** — Sáb.: 1ª L. Cl 1,21-23, Ev. Lc 6,1-5; **DOM.;** **Dia 9** — 2ª-F.: 1ª L. Cl 1,24-2,3, Ev. Lc 6,6-11; **Dia 10** — 3ª-F.: 1ª L. Cl 2,6-15, Ev. Lc 6,12-19; **Dia 11** — 4ª-F.: 1ª L. Cl 3,1-11, Ev. Lc 6,20-26; **Dia 12** — 5ª-F.: 1ª L. Cl 3,12-17, Ev. Lc 6,27-38; **Dia 13** — 6ª-F.: 1ª L. 1Tm 1,1-2.12-14, Ev. Lc 6,39-42; **Dia 14** — Sáb.: 1ª L. Nm 21,4-9, Ev. Jo 3,13-17; **DOM.;** **Dia 16** — 2ª-F.: 1ª L. 1Tm 2,1-8, Ev. Lc 7,1-10; **Dia 17** — 3ª-F.: 1ª L. 1Tm 3,1-13, Ev. Lc 7,11-17; **Dia 18** — 4ª-F.: 1ª L. 1Tm 3,14-16, Ev. Lc 7,31-35; **Dia 19** — 5ª-F.: 1ª L. 1Tm 4,12-16, Ev. Lc 7,36-50; **Dia 20** — 6ª-F.: 1ª L. 1Tm 6,2c-12, Ev. Lc 8,1-3; **Dia 21** — Sáb.: 1ª L. Ef 4,1-7.11-13, Ev. Mt 9,9-13; **DOM.;** **Dia 23** — 2ª-F.: 1ª L. Esd 1,1-6, Ev. Lc 8,16-18; **Dia 24** — 3ª-F.: 1ª L. Esd 6,7-8.12b.14-20, Ev. Lc 8,19-21; **Dia 25** — 4ª-F.: 1ª L. Esd 9,5-9, Ev. Lc 9,1-6; **Dia 26** — 5ª-F.: 1ª L. Ag 1,1-8, Ev. Lc 9,7-9; **Dia 27** — 6ª-F.: 1ª L. Ag 2,1b-10, Ev. Lc 9,18-22; **Dia 28** — Sáb.: 1ª L. Zc 2,1-5.10-11a, Ev. Lc 9,44b-45; **DOM.;** **Dia 30** — 2ª-F.: 1ª L. Zc 8,1-8, Ev. Lc 9,46-50.

## LEITURAS BÍBLICAS:

1ª Leitura: *Sb 2,12.17-20.*  
2ª Leitura: *Tg 3,16-4,3.*  
Evangelho: *Mc 9,30-37.*



Somos convidados hoje a refletir sobre o tema do sofrimento. Por que sofremos? Para que tanto sofrimento? Como ver um sentido no sofrimento dos inocentes? Para a religião de Israel, a causa do sofrimento é o pecado. Para os judeus o inocente sofria por Deus. É um sofrimento expiatório em favor do povo, tinha valor. Lutar contra o sofrimento era lutar contra o pecado. Já os gregos não se perguntam pela causa do sofrimento. O sofrimento é destino, fatalidade e torna-se um duro e necessário aprendizado que conduz à sabedoria. Não aceitam a práxis contra o sofrimento. Os romanos tinham a mesma tradição dos gregos. O sofrimento era parte integrante da vida. Procuravam que os cidadãos sofressem pelo império romano. O budismo pensa que a fonte de sofrimento está dentro de nós mesmos. A práxis deve triunfar sobre os desejos. O estoicismo fala de modo semelhante. Para o estoicismo, são as paixões que causam o sofrimento. A práxis deve triunfar sobre os desejos desordenados. Para o marxismo, as causas do sofrimento são as injustas estruturas sócio-econômico-políticas nas quais está inserida a sociedade. A práxis contra o mal seria a práxis revolucionária contra as estruturas injustas.

Nesta perspectiva, podemos elencar três tipos de sofrimento. O primeiro é um sofrimento que nasce da liberdade do homem. O conceito de liberdade da criatura contém a possibilidade do sofrimento. Deus quer a liberdade e quer a possibilidade do sofrimento. O homem é livre porque pode fazer seus próprios projetos, porém tem a possibilidade de se autodestruir. O homem que se fecha a Deus vai se tornando um germe de destruição no mundo. A dor que nasce da autodestruição influi no corpo social, provocando-lhe sofrimento. Cada homem desintegrado torna-se uma mediação da desgraça no mundo. Portanto, a liberdade supõe o sofrimento pessoal e social. A grosso modo, dizemos que há uma solidariedade no mal. Deus tudo pode, mas não obriga o homem a amá-lo porque o amor é livre, espontâneo. Um segundo tipo de sofrimento nasce da mesma criação, da evolução do mundo. Para que haja possibilidade de vida existem muitas possibilidades de morte. A natureza é vida e morte. O sofrimento proporciona o processo evolutivo. Se Deus quer a liberdade do homem e se quer que ele esteja envolvido no mundo da evolução, quer também o sofrimento. O sofrimento e o preço da liberdade e da evolução, na qual o homem é o protagonista. Deus não quer o sofrimento que deriva do pecado, mas Deus age a partir do amor, deixa o homem livre. No Antigo Testamento, Deus é libertador, tem compaixão, com-sofre com o povo. No Novo Testamento, a compaixão de Deus chega a seu cume em Jesus Cristo que sofre e com-sofre com o povo. Vence a dor desde dentro. A cruz de Jesus Cristo é resultado de sua revolta contra o sofrimento. É uma realidade positiva porque foi acompanhada de uma promessa de vida: ressurreição. O terceiro tipo de sofrimento é o sofrimento que nasce da solidariedade e da luta, por amor, contra o sofrimento. É um sofrimento que causa alegria e serenidade. Tem sentido. É fruto de uma liberdade corajosa de uma pessoa totalmente livre. É sofrimento que amadurece, nos solidariza com Cristo sofredor e supre no mundo o que ainda falta à paixão de Cristo (cfr. Col 1,24). O homem tem que lutar até a morte contra o sofrimento, pois Deus não quer o sofrimento. O sofrimento não tem a última palavra, senão Deus.



## JOVEM

JÁ PENSOU NO  
CAMINHO A SEGUIR?  
QUER SERVIR?



Quer ser gente que se  
preocupa com gente?  
UMA SUGESTÃO...

Venha dar sua vida a Cristo na  
pessoa do irmão mais carente,  
do menor abandonado.  
Aqui as Irmãs, SEGUINDO São  
Francisco, pobre dos bens  
deste mundo, procuram viver o  
Evangelho de Cristo através de  
uma vida de oração, de  
pobreza, em dimensão de amor  
e serviço.

### MAIS INFORMAÇÕES

*Congregação das Irmãs  
Franciscanas de N. Senhora  
do Amparo.  
Av. Roberto Silveira, 150  
C.P. 90062  
25.000 Petrópolis - RJ  
Fone: 42-0868*

## A vocação missionária - 10

### Judas Iscariotes, a vocação fracassada

Frederico Datler

**P**or ter sido o traidor, Judas figura em todos os elencos dos Apóstolos em último lugar. Não resta dúvida que tinha "vocação". Possuía certamente qualidades que o recomendavam a ser escolhido dentre muitos outros. Fora-lhe confiada a caixa do grupo e isso, não para causar-lhe a perdição! Os colegas acharam normal quando Jesus lhe disse durante a ceia: "Faze depressa o que tens a fazer. Nenhum dos que estavam à mesa compreendeu por que lhe dissera isso; como Judas era o tesoureiro, alguns pensavam que Jesus lhe disse: Compra o necessário para a festa, ou que desse algo aos pobres" (Jo 13).

Os evangelistas não concordam sobre o caráter dele. João o condena terminantemente. Durante a unção em Betânia todos os discípulos (Mt) ou alguns deles (Mc) achavam ruim o desperdício de tão caro perfume. Somente João atribui exclusivamente a Judas a observação de crítica e acrescenta: "Ele falou assim, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, tendo a caixa comum, roubava o que aí era colocado" (12,6). A acusação ficou sem prova. Quanto a Jesus, este não teria visto com bons olhos semelhante atitude de Judas.

A grande tentação de Judas foi a traição. Depois da entrada solene em Jerusalém, Jesus ensinava no recinto do templo durante o dia; ao escurecer ele deixou a cidade para se recolher ao Horto das Oliveiras (Lc 21,37). Ora, as autoridades judaicas, desejosas de prender Jesus, não podiam fazê-lo em pleno dia por medo do povo: "para que não surgisse um tumulto no meio do povo" (Mc 14,2). Deram portanto a ordem de denunciar às autoridades o lugar onde passava a noite (Jo 11,57). É aqui que entra em cena o nosso Judas que sabia o lugar (Jo 12,2) e, ao mesmo tempo, farejava uma oportunidade de ganhar dinheiro em particular. Calculando assim, ele se dirige às autoridades com a pergunta: "Quanto vocês me pagam se eu o entregar" (Mt 26,15). Não fora o ódio contra o Mestre que lhe inspirava este passo fatal, mas simplesmente o amor ao dinheiro. Embolsando as trinta moedas de prata, ele esperava calmamente uma ocasião propícia para avisar as autoridades. De si para si, ele tinha a certeza absoluta de que Jesus não se deixaria prender. E ele com os cobres no bolso! Mas, quando Jesus foi preso sem opor resistência, foi condenado no sínédrio e conduzido ao tribunal de Pilatos, — então Judas caiu em si e devolveu o dinheiro maldito: "Pequei, entregando um sangue inocente!" (Mt 27,4).

Tendo assim caído na tentação, faltava-lhe a intimidade sincera com o Mestre para se arrepender como Pedro se arrependera. Todos os discípulos tiveram a sua tentação quando fugiram covardemente; Pedro até negou Jesus e se arrependeu, assim como todos os outros se arrependeram e fizeram as pazes com Jesus. Só a Judas faltava a amizade autêntica para recuperar-se da queda. Decepcionado com a frieza das autoridades e envergonhado ante os colegas, ele preferiu pôr um fim à sua vida (Mt 27,3-5). Segundo os Atos dos Apóstolos, porém, ele não chegou a devolver o dinheiro, nem se suicidou (At 1,15-18). Todavia, tenha-se ante os olhos que Lucas mostra muitas afinidades com o evangelho de João; daí o seu rigorismo implacável.



# NOVOS LANÇAMENTOS

QUATRO NOVOS LIVRETOS (COLEÇÃO "COERÊNCIA E VIDA")  
DA EDITORA "AVE MARIA"

Nº 1 — FÉ E SACRAMENTOS

Nº 2 — TEMPO DE IGREJA

Nº 3 — MARIA E OS SANTOS

Nº 4 — PARÁFRASES E PARÁBOLAS

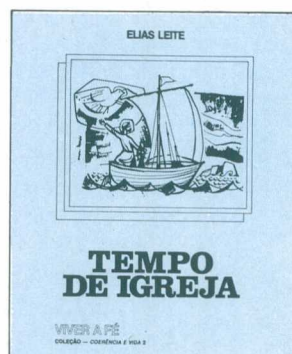
SÍNTESE DE TEMAS IMPORTANTES E  
NECESSÁRIOS PARA O DESENVOLVIMENTO  
E A VIVÊNCIA DA FÉ.

ESTA COLEÇÃO É ÚTIL PARA PREPARAR REUNIÕES E PALESTRAS,  
PROMOVER REFLEXÕES, AUXILIAR A CATEQUESE, ESCLARECER  
TEMAS DA DOCTRINA CRISTÃ, ETC.

O objetivo desta coleção é auxiliar o cristão em sua reflexão religiosa e em sua permanência na aliança com Deus e com seu povo.



O primeiro fascículo desenvolve o tema da Fé e dos sacramentos. O intuito é esclarecer a consciência cristã sobre a própria Fé, para que o cristão a transforme em vida e a viva plenamente. E concomitantemente a celebre nos sacramentos.



O segundo fascículo abrange os tempos fortes do calendário litúrgico como também os momentos importantes da vida da família e as influências do meio e das situações que a cercam.

O terceiro fascículo aborda a posição de Maria na participação dos mistérios da Salvação e na vida da Igreja. Também enfoca a vida de alguns santos, irmãos nossos, como fruto de uma vivência do Evangelho e de sua participação de fidelidade ao plano do Pai.



O quarto fascículo traz um desenvolvimento das parábolas de Jesus numa linguagem literária, ajudando-nos a descobrir a riqueza que existe na linguagem pedagógica do Nazareno.



Esta coleção, série de artigos propositadamente curtos — para quem não tem tempo de ler longos tratados — publicados na revista "AVE MARIA" na década 73-83, favorece e facilita o estudo e a compreensão dos temas centrais da nossa Fé e se torna instrumento excelente como leitura de reflexão e catequese.

**PEDIDOS (PELO REEMBOLSO POSTAL): (Cr\$ 3.000 cada livro)**  
**LIVRARIA "AVE MARIA"**  
**CX. POSTAL 54.215 — CEP 01227. SÃO PAULO, SP**